



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARIA JOSÉ DOS SANTOS

A NOÇÃO DO MEDO FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS
AFRO-BRASILEIRA

RECIFE
2009

MARIA JOSÉ DOS SANTOS

**A NOÇÃO DO MEDO FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS
AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestrado em Ciências da Religião.

Orientador: Prof^a Dr^a Zuleica Dantas Pereira Campos.

RECIFE

2009

S237n Santos, Maria José dos
A noção do medo frente às manifestações
religiosas afro-brasileira / Maria José dos Santos ;
orientador Zuleica Dantas Pereira, 2009.
90 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Religião, 2009.

1. Candomblé. 2. Cultos afro-brasileiros. 3. Umbanda. 4. Medo.
I. Título.

CDU 299.6

MARIA JOSÉ DOS SANTOS.

**A NOÇÃO DO MEDO FRENTE AS MANIFESTAÇÕES
RELIGIOSAS AFRO-DECENDENTES.**

Dissertação apropriada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em ciências da religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Felipe Rios do Nascimento (UFPE)

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (UNICAP)

Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos (UNICAP)

Recife/2009

A Moura, companheiro de caminhada, pelo incentivo do percurso.
A meus filhos landê, Kauê e Mariama, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

Se fosse enumerar uma lista de nomes, com o intuito de agradecer a todas as pessoas que de certa forma me incentivaram e colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, a lista seria bastante extensa.

Por essa razão, agradeço à acolhida de todos que protagonizaram comigo todo o espaço da caminhada que resultou nesta dissertação, contribuindo com seus saberes e entendimento de mundo. Agradeço especialmente as mães e pais-de-santo pela acolhida que recebi em suas casas para observações dos dados da pesquisa, sem o qual, algumas questões passariam despercebidas na análise desta pesquisa.

Fico grata também ao meu sobrinho **Aluizio Medeiros**, que proporcionou discussões para que pudesse aprofundar a construção da pesquisa, com paciência e seriedade.

Reconheço um especial débito intelectual para com os professores doutores **Felipe Rios** e **Sérgio Douets** não somente pela disponibilidade na participação da banca, tanto de qualificação quanto de defesa, mas em todos os diferentes momentos que estiveram envolvidos com comentários e reflexões construtivas sobre o tema deste trabalho.

Estendo também este agradecimento a Universidade Católica de Pernambuco e seus professores, assim como seus funcionários, que me acolheram nesses dois anos de convivência. A minha orientadora **Zuleica Dantas**, que nestes quatro anos me ofertou sua precisão e generosidade na orientação metodológica desde a pesquisa inicial.

A Prefeitura do Recife na pessoa do Exmo. Prefeito **João Paulo** e a Secretária de Educação **Maria Luíza**, reconheço a disponibilidade em me oportunizar o tempo desta pesquisa preliminar a realização desse trabalho.

Ao Prof. **Getúlio Jurubeba**, diretor da Escola Municipal Escolinha do Dom, assim como a Vice-diretora **Quelcilene Maria** pela concessão do espaço escolar para a realização do trabalho de campo da pesquisa.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é investigar o medo frente as Religiões afro-brasileiras e suas manifestações na Escola Municipal Escolinha do Dom, tanto numa dimensão individual como coletiva. Com efeito, a pesquisa estabeleceu um diálogo entre a formação histórica e concepção religiosa do Candomblé e da Umbanda entendida em sua pluralidade, buscando estudar o medo no interior dos debates fomentados na Rede Municipal de Ensino do Recife, presente nas capacitações, no Grupo de Relações Étnico-raciais, assim como relacionar tais discussões dentro do ambiente escolar, nas práticas docentes e discentes.

Palavras-chaves: Medo, Umbanda, Candomblé, religiões afro-brasileira.

Abstract

The aim of this research is to investigate the fear facing the african-Brazilian religions and their manifestations in front of Municipal School Escolinha do Dom, is an individual or collective dimension. Indeed, research has established a dialogue between the historical formation and development of religion of Candomblé and Umbanda understood in its plurality, seeking to study the fear inside of discussions fostered in the Municipal Network for Teaching of Recife, in this capacity in the Group of Relations Ethnic-racial as well as linking these discussions within the school environment, teachers and learners in practice.

Key words: Fear, Umbanda, Candomblé, african-brazilian religions.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 - As Religiões afro-brasileiras e a manifestação do sagrado.....	16
1.1 Candomblé e Umbanda no Brasil, uma revisão bibliográfica.....	17
1.2 Origens do Candomblé e da Umbanda.....	22
1.3. As manifestações do sagrado no Candomblé e na Umbanda.....	30
1.4 Marcas da Memória: fragmentos do passado.....	34
Capítulo 2 – O medo em questão.....	39
2.1 manifestação social do medo.....	40
2.2 O medo como Controle Social e o medo cultural...46	
2.3 Marcas da Memória: o olhar de um não-praticante.....	50
Capítulo 3 - Medo e superação no ensino.....	52
3.1 Caracterização do Campo de Pesquisa: Escola Municipal Escolinha do Dom.....	55
3.2 A Educação e as diferenças.....	57
3.3 Educação, medo, diabo e outras coisas mais.....	62
Considerações Finais.....	70
Bibliografia.....	74
Anexos.....	80

“Na natureza não existem cores, mas sim infindáveis matrizes, mantendo relações de semelhança dessemelhança uns com os outros, do mesmo modo que a forma e a matéria individualizadas na diversidade absoluta das coisas quando consideradas nas suas singularidades irrevogáveis”.

Goethe

INTRODUÇÃO

“Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer...”
Geraldo Vandré

A sabedoria é construída na caminhada da vida. Com este pensamento esperamos que o leitor ao deparar-se com o tema “A Noção do Medo frente às Manifestações Religiosas Afro-brasileiras” caminhe na pluralidade étnica da cidadania brasileira e perceba como a tradição cultural da matriz africana transcende aos arquétipos atribuídos, criando pontes para reflexões sobre a sociedade.

Este trabalho pretende expor uma reflexão sobre o medo vivenciado pelos professores em ambiente escolar, diante das manifestações religiosas afro-brasileiras. Neste intuito, tomamos como perspectiva analítica o conceito de medo presente em Jean Delumeau na obra *“História do medo no Ocidente: 1300 – 1800”* para o estabelecimento de uma análise do Candomblé e da Umbanda circunscrita no campo da educação.

Como professora vinculada a educação do Município da Cidade do Recife e professando a fé católica, insiro-me inclusive no papel do “outro”, do não praticante do Candomblé e da Umbanda, que busca refletir e conhecer sobre a cultura e a religiosidade afro-descendente até mesmo nos espaços pedagógicos, como nos do ambiente da Escola Municipal Escolinha do Dom.

Mas para esta pesquisa recorro também as minhas próprias lembranças em exemplos de medo, não poderia deixar de assinalar os registros da minha primeira visita a alguns terreiros, onde pude participar e observar de perto este fenômeno religioso.

O que me levou a iniciar a construção desta pesquisa, foi exatamente o meu medo, a curiosidade em descobrir em que momentos da minha vida este sentimento apresentava-se mais forte. Mas outros medos juntaram-se aos meus, houve resistência por parte dos entrevistados não na colaboração com a pesquisa, mais com o que iria acontecer após, e logo perguntavam: “isso vai aparecer na televisão? Vão me chamar para alguma coisa?” E por mais que esclarecesse o temor permanecia.

Vale ressaltar que o debate tornou-se oportuno a partir do momento em que, mas do que uma ação individualizada de um educador, as religiões afro-brasileiras entram em pauta no contexto da promulgação da lei nº 10.639 de janeiro de 2003, a qual altera a lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A alteração da lei introduz nas diretrizes e bases da Educação Nacional a inclusão obrigatória da temática História e Cultura afro-brasileira no currículo oficial, da rede pública e particular de ensino fundamental e médio.

Esta lei tem como função responder às antigas reivindicações do Movimento Negro, resgatando, historicamente, a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, além de auxiliar na formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Com isso, o governo conseguiu não ser pressionado de imediato pelo Movimento Social, o que poderia causar constrangimentos para a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, logo em seu primeiro mandato. Parece que a estratégia foi acertada, muito embora não tenha impedido que pressões internas do Partido dos Trabalhadores, assim como externas, de setores do Movimento Negro, continuassem insistindo para a criação de um órgão dentro da estrutura do primeiro escalão governamental para tratar das demandas da população negra.

Cria-se, na estrutura de governo, a secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial (SEPPIR), no dia 21 de março de 2003, data em que se comemora o dia Internacional Contra a Discriminação Racial.

Vê-se, que a luta dos negros no Brasil tem força e voz na formação da sociedade, fazendo parte da cidadania e resgatando a contribuição do povo negro no âmbito das áreas sociais, econômicas, políticas, pertinentes à história do Brasil.

Sabemos que ainda hoje existem políticas que pretendem a permanência do racismo estrutural, apresentando-se ora pela invisibilidade da presença étnico-racial, ora pelo mito da democracia. Portanto, o combate contra a discriminação racial sendo levado até as leis educacionais inicia uma reflexão sobre a necessidade de conhecer, aprofundar e desmistificar a cultura de matriz africana.

A luta pelo rompimento desses mecanismos nos permite afirmar que o resultado se apresenta tênue e frágil para o tamanho da desigualdade enfrentada, principalmente quando observamos que o princípio das reformas governamentais,

inclusive as educacionais, encontra-se centradas na universalidade e não na focalização.

Desta forma, as discussões do primeiro capítulo: **As religiões afro-brasileiras e a manifestação do sagrado** pretendem pensar a história e a religiosidade afro-brasileira, mas detidamente o Candomblé e a Umbanda, marcada por lutas em defesa de sua identidade, liberdade civil e justiça social, desde o período colonial aos nossos dias, tendo como desafio a releitura do passado.

Em seguida, o capítulo: **O medo em questão** toma o medo como uma emoção presente na realidade social de nossa gente. A palavra medo está carregado de tanta vergonha, escreve G. Delpierre, que a escondemos. Enterramos no mais profundo de nós o medo que nos domina as entranhas. (DELPIERRE *apud* DELUMEAU, 1989, p.13)

Estando entre nós e nos acompanhando por toda nossa existência, o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, sendo uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte, sem o medo nenhuma espécie teria sobrevivido. Mas se ultrapassa uma dose suportável, ele torna-se patológico e cria bloqueios. Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele. É um sentimento que às vezes não sabemos distinguir, por que sua principal causa é a surpresa da qual não poderíamos usar como premeditação, para proteger-nos com antecedência.

Compreende-se por que os antigos viam no medo uma punição dos deuses. Os antigos viam no medo um poder mais forte do que os homens, cujas graças, contudo podiam ser ganhas por meio de oferendas apropriadas, desviando então para o inimigo sua ação aterrorizante. E haviam compreendido – e em certa medida confessado – papel essencial que ele desempenha nos destinos individuais e coletivos. (DELUMEAU, 1989, p. 21)

O medo nos cai como uma máscara do desconhecido, e de tudo que precede e segue a existência humana.

O terceiro e último capítulo, intitulado “**Medo e Superação no ensino religioso**”, fundamenta-se na obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-brasileira como inclusão no currículo oficial da rede de ensino fundamental, pública e particular. Pretende juntamente com o conceito teórico de Jean Delumeau trazer a tona à discussão do Medo dos não praticantes frente às manifestações

religiosas Afro-brasileiras na esfera da educação, tendo como foco de análise a Escola Municipal Escolinha do Dom.

Aqueles que colaboraram com a pesquisa, o fizeram com espontaneidade, até se colocando a disposição caso fosse necessária nova entrevista. Estavam tão ansiosos que perguntavam: “e aí, vai ser agora?” E até comentavam com outros colegas incentivando na colaboração da pesquisa.

Apesar disso, o meu início com a pesquisa de campo foi um pouco conturbado, pois a comunidade educativa estava passando por um momento de ajustamento com relação à nova administração escolar. Percebia-se uma insatisfação no cumprimento das atividades para um bom funcionamento da Escola.

Nas pesquisas realizada na Escola Municipal Escolinha do Dom, foram entrevistados ao todo dez funcionários. A escola voltada exclusivamente para educação infantil possui dez professores, destes, apenas 5 aceitaram participar, também não se disponibilizaram a participar o diretor e a coordenadora. O restante do quadro entrevistado fora composto por um agente administrativo, três auxiliares de serviço gerais e um porteiro, configurando o quadro de entrevistados na escola, sendo 9 mulheres e 1 homem, numa faixa etária de 38 a 67 anos, com a maior parte tendo idade acima de 50 anos.

Tarefa difícil atrelada a resistências quanto à execução para o estudo da pesquisa. Percebi que algumas pessoas que se diziam aptas a colaborar em alguns momentos da participação, sempre estavam ocupadas ou apressadas para a tão famosa entrevista. Sentiam “medo” em expressar seu conhecimento e até mesmo esconder sua religião de origem.

Confesso que a maior dificuldade foi o contato com as pessoas, não por não me sentir a vontade, mas devido ao fato de ser conhecida pelo grupo, o que fez perceber que as pessoas escondiam algumas verdades, com receio da possibilidade quanto a algo acontecer depois. Das dez só consegui gravar três das entrevistas, pois só existe um computador na escola e sem Internet, e o mp3 só funcionava conectado a ele.

As outras entrevistas foram feitas oralmente, no local de trabalho do informante. Não havia quem substituísse o vigilante, que não podia sair do seu posto e gostaria de colaborar, ou a servente no interior da escola, pois estava no horário

de saída e não podia perder tempo, teria que voltar para o horário da tarde. Algumas entrevistas ocorreram na sala da direção em meio às interferências dos barulhos externos e movimentações da secretaria. Mesmo assim, com todas as dificuldades elas foram elaboradas.

Com as transcrições das entrevistas adquirimos maior conhecimento e compreensão sobre a questão foco da pesquisa, além de ter ampliado os estudos com as visitas aos terreiros, buscado o registro de participantes e observadores do fenômeno religioso. Foram feitas várias visitas a terreiros como o de Pai Carlitos localizado no bairro do Ipsep, o terreiro de Pai Adão ou terreiro Oba Ogunté localizado no bairro de Beberibe, que hoje é dirigido pelo neto Manoel Papai.

Fomos bem acolhidos, e na época da nossa visita (2007) o neto de Pai Adão estava de viagem marcada para a África a fim de representar o Brasil em uma conferência. Nesta visita fomos a uma mata que fica perto do bairro de Dois Irmãos, a procura das plantas que haviam sido comentadas no “O poder das plantas e suas utilidades” realizado pela Universidade Católica. Na ocasião observamos uma criança de aproximadamente 4 a 5 anos que simulava um transe, e com tanta seriedade que o casal de pais de santo que estava com ele começou a falar: “Ogum, ou Ogum. Vou chamar ele pra lhe pegar...” [ao que a criança fazia gestos igual ao de um adulto de olhos fechados e sorria].

Ao nosso lado só observando estava um pai de santo, que se aproximando mais falou:

Eles falam do medo de Ogum, já eu, temo por minha família para que não saibam que sou pai de santo, pois o preconceito é grande em casa, meus pais são de Caruaru e quando falam que vem me visitar pense num vexame.

Portanto o “medo” nos acompanha envoltos a várias formas, como observamos nos relatos anteriores. Outra descoberta nas minhas visitas é que pude perceber que o “medo frente às manifestações afro-brasileiras” também se apresentara em mim, inscrito numa cultura a qual faço parte, porém até que ponto poderia se aproximar de um preconceito. Numa das visitas enquanto escutava cantos, danças, relatos de experiências, filmagens, presenciei a um transe do qual nunca tinha visto antes, e digo que me assustei no momento e que a vontade foi de me ausentar, mais logo, acreditem, rezei o credo e me tranqüilizei, foi neste momento que percebi que não havia me distanciado o bastante da minha crença.

A curiosidade foi maior, e sob controle emocional acredito, digo que o psíquico influencia, então permaneci no local. Se não houve credibilidade da minha parte pude perceber o porquê da existência do “medo”, pois o desconhecido nos remete de certa forma, a uma reflexão.

Temos medo do que desconhecemos e de certa forma nos distanciamos por vezes de verdades apreendidas no desenrolar da história, e nos habituamos a receber verdades impostas por saberes manipulados a uma construção de conhecimento sem nos preocuparmos com sua origem. É como as meia verdades de democracia racial, “não existe racismo no Brasil” dirá alguns, são mensagens ocultas presentes nos nossos livros educacionais.

Enfim, a noção do medo frente às manifestações religiosas Afro-brasileiras busca ao analisar o medo dos não praticantes frente ao Candomblé e a Umbanda, lançar uma luz a mais contra o dito preconceito.

CAPÍTULO 1 - AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO.

Neste primeiro capítulo têm-se a proposta de relatar as diversas possibilidades de variações religiosas, ocorridas no século XX, com relação às religiões afro-brasileiras, mas detidamente as que denominamos de Candomblé e Umbanda. Dessa forma, relacionaremos estas manifestações religiosas a um processo histórico, vivido desde o início da escravidão no Brasil (século XVI), passando pela miscigenação cultural e o desenvolvimento urbano, questões essas atreladas a sua expansão, como será ressaltado na revisão bibliográfica que se seguirá.

Também será objeto de análise neste capítulo a manifestação do sagrado no Candomblé e na Umbanda, mesmo que de forma sucinta, com o intuito de fundamentar as discussões dos próximos capítulos a respeito das propostas religiosas e da construção social do medo religioso.



Foto 01 – Orixá Oxum¹

¹ Pontos de Umbanda em MP3. Disponível em: <<http://redeparede.com.br/santos/comunidade/ao-ar-livre/posts/pontos-de-umbanda-em-mp3---61065>> Acesso em: 01 março 2008.

1.1 Candomblé e Umbanda no Brasil, uma revisão bibliográfica.

Temos conhecimento dos esforços realizados por pesquisadores de diversas áreas das ciências, tais como da antropologia (BASTIDE, 1971; RIBEIRO, 1978), da história (CARVALHO, 1998; CAMPOS, 2001), da sociologia (CONCONE, 1973) da psicologia (BENTO, 1998; RIOS, 2004) e da teologia (ANJO, 1999), em nos fornecer subsídios que permitam compreender tanto os pressupostos históricos quanto o processo de atualização do preconceito racial, já que o racismo:

(...) não representam simplesmente uma herança do passado. O racismo vem sendo recriado e realimentado ao longo de toda nossa história. Seria impraticável desvincular as desigualdades observadas atualmente dos quase quatro séculos de escravismo que a geração atual herdou. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2001, p.18).

Repensar esta história do Brasil, da civilização brasileira, inscrita em longos anos de escravismo, em um processo histórico sustentado desde o período colonial até a nossa atualidade em braços majoritariamente negros pode ser entendido como um desafio. Porém, retornar a este passado é um processo de conhecimento apreendido com as lutas de outras gerações, é estarmos abertos para as necessidades e os desafios de nossa contemporaneidade. Esta luta de reconhecimento das práticas religiosas do Candomblé e da Umbanda e o respeito para com as manifestações de seus rituais através dos orixás ou entidades, culminam com a necessidade de um diálogo aberto com a sociedade. Desta forma, as expressões da religiosidade afro-descendente lutam por se desvincular das heranças dos preconceitos infundados sobre suas manifestações.

Pois não há, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferentes, a determinadas condições da vida humana. (...) Todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente vivos, desde os mais simples plásticos até o homem. (DURKHEIM, 1989, p.31)

Roger Bastide (1971) em seus estudos de pesquisa sobre as religiões africanas, percebe essas religiões como células vivas dentro da sociedade brasileira e faz uma comparação da vida como se fosse uma faculdade, na qual se está em constante adaptação ao meio procurando encontrar respostas aos vários problemas

existentes tentando renovar esta criação. É interessante esse seu olhar, pois é a partir desse estudo, dessa evolução das religiões africanas, que ele traça um ponto de origem comum ou similar entre várias manifestações religiosas, como o Candomblé e a Umbanda. Bastide (1971) também percebe um ponto fundamental quando estuda as religiões africanas no Brasil, ao mesmo tempo em que seus praticantes reforçavam sua identidade negra, também se identificavam, enquanto brasileiros, num processo de resistência e assimilação da cultura dominante. (BASTIDE, 1971)

Essa ambivalência, que faz com que o negro queira a um só tempo separar-se e identificar-se com o branco, nós a encontramos nos jornais dos negros que, na seção de anúncios, publicam reclames de produtos de beleza para alisar cabelos encarapinhados, e ao lado publicam artigos contra esses mesmos produtos, que significam uma vontade de traição para com a raça. (BASTIDE, 1971, p. 424)

Esta ambivalência trabalhada por Bastide nas manifestações religiosas de matriz africana no Brasil, encarada por parte da intelectualidade como um processo de degeneração religiosa², principalmente até a primeira metade do século XX, será retomado por Marco Aurélio Luz e George Lapassade (1972) como objeto de discussão na década de 70 num trabalho que vai perceber na macumba e na umbanda não uma herança africana miscigenada, mas múltiplas heranças na construção de algo novo produzido no País, no dizer dos autores:

A umbanda, como religião, é um retrato da formação social brasileira num plano imaginário, com suas leis próprias de ocultação e inversão das classes sociais que se estabeleceram no Brasil, numa formação quase sempre conflituosa. (LUZ; LAPASSADE, 1972, p. 57)

Aprofundando a discussão sobre as raízes africanas na formação da Umbanda, Renato Ortiz (1991) em seu clássico “A morte branca do feiticeiro negro” observa controvérsias no pensamento de Roger Bastide, quanto aos conceitos e definições entre Candomblé e Umbanda, percebendo, na última, a emergência de um reconhecimento social para uma nova religião a desenvolver-se em solo brasileiro. Não como uma religião negra, como afirmava Roger Bastide em seu livro

² Sobre a “degeneração religiosa” pretendo esclarecer que no início do século XX era hegemônica a idéia de hierarquia de pureza das religiões de matrizes africanas, indo da macumba e umbanda ao candomblé numa escala crescente de pureza quanto a origem africana, como pode ser visto presente nas obras de Bastide, Ramos, Carneiro. A década de 70 marca uma inflexão a este respeito com o trabalho de Marco Aurélio Luz e George Lapassade que descarta a hierarquização por entender que a macumba e a umbanda não possui apenas a herança africana, mas são frutos de uma mistura, de uma carnavalização social.

“As Religiões Africanas no Brasil”, por ser resultante da integração do homem de cor na sociedade brasileira, mas como uma religião brasileira, na qual existem rupturas, esquecimentos e reinterpretações dos antigos valores tradicionais herdados dos africanos. O que vai ocorrer, portanto, na passagem de um sincretismo espontâneo a um sincretismo refletido, assim sendo, confirmando e reforçando sua brasilidade. (ORTIZ, 1991)

Estas religiões, sendo de raízes comuns, aqui entendidas como participante dessa memória coletiva que foi preservada pelos negros escravos até nossos dias, vivenciam oposições como se desarticulada por dois pólos: a Umbanda correspondendo dessa maneira à integração das práticas afro-brasileiras na moderna e urbana sociedade, e o Candomblé, o seu inverso, conservando a memória coletiva africana no solo brasileiro, mesmo tendo conhecimento de não ter a plena pureza africana, pois é um elemento de formação da cultura afro-brasileira resultante dessa bricolagem. Portanto, para o Candomblé, a África é o ponto de referência e fonte do sagrado, nos ritos aos deuses negros, fazendo-se oposição a uma sociedade brasileira branca ou embranquecida, resultando, assim, uma ruptura entre o Candomblé e a Umbanda. Dessa forma:

A Umbanda corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significa justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. (ORTIZ, 1991, p.16)

Mas, a tese que pretende entender a Umbanda enquanto uma religião genuinamente brasileira e não somente afro-brasileira, só viria a ser defendida pela antropóloga Maria Helena Concone (1987) quando levantou a hipótese da contribuição africana não ser a principal herança na Umbanda, e sim, mais um componente para sua formação, a qual seria unida, ainda, às contribuições do catolicismo do colonizador europeu, do espiritismo kardecista, dos cultos e ritos indígenas e do esoterismo. (CONCONE, 1987)

Campos (2001) estabelece enquanto proposta investigar os discursos produzidos sobre as religiões afro-brasileiras em meio a ações repressivas do Estado Novo, principalmente através da polícia, assim como ressalta, também, o papel da Igreja Católica e de parte da intelectualidade na produção do preconceito às manifestações afro-descendentes. Entendendo o discurso normatizador e

repressivo do Estado como um dos lados da moeda, Campos analisa, também, como este mesmo discurso será reapropriado por aqueles a que se destinam ao ataque, produzindo uma ressignificação destes saberes e instituindo táticas de manutenção e preservação das suas manifestações religiosas.

No livro de Beatriz Dantas “Vovó Nagô e Papai Branco” (1988), a autora contesta as duas correntes “tradicionais” da historiografia quanto às interpretações dos terreiros. Na primeira, o terreiro seria formado a partir da “contribuição” negra em um processo de miscigenação, realizado numa suposição de “democracia racial”. Na segunda corrente, resistência e luta seriam as palavras de ordem associadas à luta dos negros pela igualdade num espaço de dominação branca. Pensar por uma dessas duas correntes, segundo a autora, parece delimitar o espaço de construção do terreiro, ela propõe uma história de conflitos e alianças, entre negros e brancos, articulados a verdadeiras tramas de oposições e convivências de ódios e paixões, repulsa e acolhimentos³.

Dantas procura evidenciar que as religiões afro-brasileiras não surgem apenas do embate entre dominantes e dominados ou de uma simples mistura de culturas, e sim de alianças e conflitos, entrelaçados aos contatos, ultrapassando fronteiras entre senhores, escravos, políticos, psiquiatras, policiais, homens poderosos de negócios, pais e mães-de-santo, padres e antropólogos. E desse diálogo, apesar de duro em suas realizações são firmadas novas ideologias e teorias juntamente com outros atores sociais e na justaposição desse panorama que são formadas e denominadas as religiões “afro-brasileira”. O que se percebe de diferencial nessa visão de Dantas, porém, são as formas de tradução e de produção a várias Áfricas no Brasil e, sua forma de cultuar a tradição africana.

As mudanças ocorridas nas religiões afro-brasileiras quanto à incorporação de elementos anteriormente estranhos, como no Candomblé que se evidencia como religião brasileira dos orixás, mesmo que, em alguns terreiros, a exemplo do terreiro de Pai Raminho em Recife, cultue-se hoje além dos orixás a Jurema. De forma semelhante, em outras denominações das religiões afro-brasileiras conhecidas em suas modalidades regionais como o Xangô, em Pernambuco, Tambor-de-Minas, no Maranhão, Batuque, no Rio Grande do Sul,

³ Para mais informações sobre o conceito de conflito e aliança empregado pela autora, recomendo a leitura de DANTAS (1988).

foram retratas por Reginaldo Prandi (1991) por também vivenciarem essas transformações em maior ou menor escala⁴. Mesmo diante dessas transformações e ressignificações, essas religiões são vistas como instituições de resistência cultural, de início dos africanos, em seguida dos afro-descendentes, em que a resistência à escravidão e os mecanismos de dominação da sociedade branca e Cristã, marginalizaram assim os negros e mestiços após a abolição da escravatura.

O candomblé é, antes de tudo, um espaço físico que, abastecido do espaço ideológico e das vertentes da tradicionalidades ou da emergência, está mais próximo das camadas historicamente mais resistentes e conscientes. Pelos multimeios de que dispõe, importação sistemática, seja de elementos materiais seja de informações socioculturais que buscam, nostalgicamente, reatar laços centenários com o continente africano. (LODY, 1987, p.17)

O candomblé é abordado em Lody (1987) como um modelo religioso, enquanto fenômeno sociocultural e político integrado à sociedade brasileira.

Ele analisa a transculturação dos modelos Kêtu (nagô), Jeje e Angola-Congo para o Brasil fazendo uma inclusão de estudo de caso evidenciando a Bahia. Destacando questões das festas públicas, liturgias comunitárias, comidas, dança entre outros pontos relevantes para a compreensão do tema. (LODY, 1987)

Hoje se busca o candomblé para uma retomada da consciência africana, que é manifestada por vários grupos de negros e descendentes de negros que na sua luta sentem na religião dos Orixás, Voduns e Inquices, maneiras de travar contato e, antes de tudo, valorizar e preservar os princípios religiosos. Rafael Oliveira (2003), da mesma forma que Lody (1987), trabalha o Candomblé, só que com perspectiva distinta. Em seu livro “Candomblé Diálogos Fraternos contra a intolerância religiosa”, faz um registro de praticantes de diferentes casas de Candomblé discutindo temas polêmicos, como “rituais de sangue”, na busca por um consenso inédito entre as casas, marcando, assim, um protesto vivo contra a intolerância religiosa. Apesar de carecer de um explícito aporte teórico e da bibliografia utilizada, nos ditames metodológicos de uma pesquisa, figurando ao nível de relato informativo, contribui para a pesquisa ao qual me proponho, daí onde nasce a importância desse trabalho, seu potencial de relato para comparações tanto entre outros terreiros quanto para os não praticantes. (OLIVEIRA, 2003)

⁴ A este respeito recomendamos a leitura da dissertação de MENEZES (2006) que trata de um estudo de caso de um terreiro de Umbanda da cidade de Natal que vem introduzindo elementos esotéricos.

1.2. Origens do Candomblé e da Umbanda.

Parafrazeando Florentino (1999, p.149-150) no livro “A paz das senzalas”: Quantas aprendizagens e conhecimentos se entrelaçavam dentro dos navios negreiros por mar afora, visões estas de dor e ignomínia, que cada vez mais enraizadas abria-se a visões de mundo em suas constantes simbologias. Se ressignificavam no interior do cativo, e permitiam aos escravos viver a vida mediante a normatização de suas existências.

Para entendermos melhor as origens do Candomblé e da Umbanda devemos estar atentos à importância das relações familiares pois funcionavam como força de sua estabilização social e nos desvelam a temporalidade da sociedade escravocrata.

A família cativa se assentava em um peculiar mercado matrimonial. Tamanho era o zelo com que os escravos mais velhos monopolizavam o acesso às jovens que os mais moços se viam aliados do matrimônio com cativas de sua faixa-etária... Em realidade, a preeminência matrimonial dos mais velhos reafirma aquilo que até hoje se insinua na tradição oral das comunidades negras: que os pretos idosos representavam a cristalização de um poder político pacificador (uma espécie de poder civil) entre os escravos mais um traço de africanismo do cativo brasileiro. (ANJO, 1999, p.150)

Esta história que antes anônima torna-se presente nas lutas por anseio de liberdade, de melhores condições de vida, mostra a fonte para esta sobrevivência ante as classes dominantes brasileiras. É quando em 1980 e 1990 ampliam-se os estudos sobre os quilombos, diferentemente do que se pensavam, não eram comunidades isoladas, existia uma organização dinâmica pela necessidade de sobrevivência, relações se estabeleciam economicamente com outros segmentos e setores da sociedade colonial.

Estas relações dinâmicas, entre os quilombos e sua vizinhança, eram diversificadas em atividades desde a intensa produção agrícola, a exploração do ouro até o roubo, os quilombos estabeleciam segundo ANJO (1999, p.151): “redes comerciais clandestinas”. Tendo como maior desafio a sobrevivência e a

preservação da liberdade, daí serem vistos em determinados momentos como uma ameaça à sociedade escravagista e em outros não, pois havia envolvimento em negociações e cooperações com a mesma sociedade.

Os quilombos constituíam-se de pequenos grupos de cinco ou mais escravos segundo definição expressa pela própria metrópole portuguesa onde quilombo era “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles.” (PILETTI, 1991, p.65)

O fundamental de qualquer forma, é enfatizar que para os negros a liberdade significava, entre outras coisas o fim de uma vida constantemente sujeita às vicissitudes das transformações de compra e venda (ANJO, 1999, p.153)

Portanto mesmo com as dificuldades apresentadas pelos colonizadores, houve resistência pelos negros das mais variadas formas, sejam de trabalho ou de luta, permeando marcas no seu cotidiano de trabalhador escravizado. Tanto de resistência individual, quanto de insurreições urbanas, chegando-se aos quilombos. Nada foi descartado.

No entanto as lutas coletivas, onde os negros se organizavam para a formação dos quilombos em defesa da resistência ficaram conhecidas na Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Região Amazônica, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Na troca de conhecimentos e na convivência com os agrupamentos de ex-escravos fugidos de respectivas cidades e fazendas, puderam-se relacionar com mais intensidade. Ressaltando aqui o mais importante, por sua duração e quantidade de membros, fora o “Quilombo de Palmares”. (SILVA, 1987)

Junto às organizações dos quilombos e as outras lutas de resistência para seu reconhecimento e valorização como pessoa e não como mercadoria investe-se na preservação da cultura negra também como forma de resistência coletiva, através da música, dos ritmos, da vestimenta africana e da comida sagrada dos candomblés.

Quanto à resistência individual, esta também obteve papel importantíssimo em seu desempenho. Como os colonizadores usavam de vários subterfúgios para dificultar a organização dos escravos, separando famílias e tribos,

por exemplo, os escravos quando reagiam, buscavam o suicídio na idéia de um retorno espiritual a África. Do mesmo modo, quando cometiam assassinato de seus senhores, fugas individuais, assassinatos dos filhos seguidos dos suicídios das mães escravas, com certeza foram formas de negação ao desumano período escravocrata no Brasil. (SCHWARTZ, 2001)

Entretanto dois pontos devem ser considerados no que diz respeito ao período da Colônia. Apesar dos efeitos destrutivos que o tráfico e o sistema escravista imprimiram nos costumes africanos, a memória coletiva negra conseguiu encarnar-se no solo brasileiro. (...) Pouco a pouco a herança africana se transforma assim em elementos culturais afro-brasileiros. (ORTIZ, 1991, pp. 21-22)

Portanto, conta-se na história a abolição da escravatura em 1888, data oficial para a liberdade dos escravos negros, sendo esta não com novidade pois menos de um milhão continuavam escravos devido tanto a lei Eusébio de Queirós em 1850, quanto a grande parte de libertos em razão de fugas e rebeliões. A promulgação da lei não sendo, portanto um ato de bondade como repassado no desenrolar dos acontecimentos históricos. A lei apenas fez o reconhecimento ao que já se aplicava na prática e também sobre fortes pressões internacionais para a criação de um mercado consumidor dos produtos europeus necessitando do feitiço de trabalhadores assalariados. (ORTIZ, 1991)

Entre um e outro acontecimento da história a luta pela resistência permanece viva na luta pelo seu reconhecimento na história brasileira. Como escreve Solano Trindade (1988, p.18):

Treze de Maio que não é mais de preto velho
Do pai João, da mãe Maria
Do negrinho do pastoreio

Treze de Maio que não é mais
Do misticismo, da “simpatia”, do “despacho”

Treze de Maio da Juventude Negra
Lutando por outra libertação
Ao lado da Juventude Branca
Contra os senhores capatazes
capitães-do-mato

que permanecem vivos
cometendo os mesmo crimes
as mesmas injustiças
as mesmas desumanidades...
Treze de maio dos poetas conscientes...

Que essa consciência perdure na memória e na luta de nossos ideais como resistência e preservação.

Candomblé

A história e a origem do candomblé brasileiro se desenvolveram através de miscigenações étnicas, contrastando as culturas diferenciadas ao sistema social, econômico, político e religioso dominante.

No contexto de exploração processado no Brasil desde seu “descobrimto” pelos portugueses, no século XVI, reforçado por uma crescente comercialização de escravos africanos no mundo europeu que se expandia gozando de ótimos resultados econômicos surge, em meio a essas turbulências, sobreviventes de etnias africanas que preservam e cultuam a religião do Candomblé. Percebamos que Candomblé é um termo derivado da dança do mesmo nome, kandombe, assim chamada devido aos tambores usados para a execução do ritmo durante a performance (MEGENNEY, 1978, p.97). Uma outra etimologia possível é kandombile, culto ou oração (LODY, 1987, p. 8)

Encontrando nas terras brasileiras fertilidade de campo para suas interpretações e desenvolvimento, se fortalece e polariza não apenas a religiosidade, mais a vida em sociedade, hierarquia, etnicidade, moralidade, verbalização e não verbalização, a ludicidade, conseguindo assim manter e preservar sua cultura de homem africano aqui no Brasil.

O que se observa quanto herança, portanto, é que o candomblé tem a função mantenedora dessa memória reveladora de matrizes africanas ou afro-brasileiras adaptando-se com a religiosidade oficial brasileira. Existe uma dinâmica na aceleração dessa formação, pois houve um encontro aculturativo intra e interétnicos em suas regiões de origem, reconhecimento este identificado até hoje nos Candomblés a partir de suas semelhanças.

O candomblé é, antes de tudo, um espaço físico que, abastecido do espaço ideológico e das vertentes da tradicionalidades ou da emergência, está mais próximo das camadas historicamente mais resistentes e conscientes. Pelos multimeios de que dispõe, importação sistemática, seja de elementos materiais seja de informações socioculturais que buscam, nostalgicamente, reatar laços centenários com o continente africano. (LODY, 1987, p. 17)

Ao longo dos tempos, várias foram as formas de preconceito quanto às religiões afro-brasileiras construídas e evidenciadas através de fatos e situações decorrentes da época em que a imposição de credos predominava advinda dos europeus cristianizados.

Ainda hoje existe um enfrentamento sócio-cultural quanto à contribuição negra e talvez nada seja tão marcante quanto ao que diz respeito aos cultos afro especificamente a potencial rejeição que recebem da mídia (RAMOS, 2002). Por exemplo, quantas novelas discutiram ou trouxeram forte representatividade dos elementos de cultos afro-brasileiros? Seguindo este pensamento, quantas se mostraram imbuídas de elementos católicos, protestantes e mesmo espíritas kardecistas? Não são fatos isolados, episódicos, mais freqüentes e que grande parte da imprensa os trata pelo viés do exótico, assim repetindo os preconceitos históricos.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a pluralidade do Candomblé que não pode ser entendido como igual em cada terreiro, existe um princípio que sustenta e orienta com base nos Orixás, mas seus ritos e celebrações sofrem alterações de acordo com cada terreiro e origens.

A teologia do Candomblé que baseamos esta pesquisa tem sua origem na tradição yorubá. Ao qual conserva e assimila em seus diferentes cultos africanos esta síntese por ter um destaque em sua influência de tradição chegando até por certo período a língua falada no cotidiano entre os negros.

Dessa cumplicidade de elementos destaca-se a importância dos Orixás, pois sem esta ligação com o Orixá e o Axé não teria sentido.

O universo para a tradição yorubá contempla-se a dois níveis de relacionamento, seria, portanto o Aiye e o do Orum. Na visão da tradição yorubá tudo o que existe perpassa a esses dois níveis em sua concepção, fora não há existência.

Não que se demarcasse espaço ou local de existência, mas são formas ou possibilidades dessa existência onde há oposição a partes, as quais permutavam paralelamente mesmo sem igualdade entre si.

No Aiye há a compreensão da humanidade onde a matéria se concretiza a um nível limitado, ou seja, a matéria.

Enquanto o Orum o ilimitado, o infinito, ou seja, o imaterial destacando-se assim os Orixás e os Eguns, antepassados naturais e humanos dos habitantes do Aiye, ou seja, a espiritualidade.

Nessa cosmovisão existe uma representatividade no Orum que se materializa no Aiye como se fosse uma duplicidade espiritual, podendo estar representada em cada indivíduo, árvore, animal, cidade, etc. E essa totalidade de existência se concretiza e está representada no terreiro, onde estão presentes os elementos do Aiye e os elementos consagrados do Orum, ou seja, a realidade espiritual.

Portanto no culto há o momento dessa fusão. Todo este relacionamento entre o Aiye e o Orum consiste da harmonia como um todo, não que sejam iguais, mas que o caráter deste relacionamento de responsabilidade e espiritualidade está mantido na troca, entre o dar e receber, isto é, que verifica este relacionamento pela permanência do universo.

Se bem observarmos, tudo em nossa vida circula nesta combinação de oferta e restituição, mesmo que em nível de compreensão. Onde para nós nem sempre percebemos estes gestos.

A partir desse fundamento entre o Orum e o Aiye se constrói o Candomblé para que com seus cultos, iniciações, oferendas e sacrifício renovem e conduzam a humanidade a esta harmonia.

Herdamos muito dos ritos africanos sem dúvida, e essa variedade em comum, quanto às ligações de origem e aproximação feitas pela diáspora negra nos

trouxe riquezas religiosas de diferentes tradições que aqui se combinaram e abriram outros fluxos, em especial no século passado em sua segunda metade. A aceleração desses contatos diminuiu as distâncias propiciando e aprofundando mais a comunicação entre vários cultos, produzindo uma interpenetração geradora de novos desenvolvimentos.

O conhecimento é sempre uma relação estratégica em que o homem se encontra situada. É essa relação estratégica que vai definir o efeito do conhecimento e por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo. (FOUCAULT: 1984, p. 19)

A abolição então propiciou a comunidade negra a formar mais contatos com a sociedade “dos brancos”, possibilitando através destes intercâmbios ditados prioritariamente pelas regras do estado brasileiro, um enfraquecimento dos valores das normas e das crenças ancestrais. A isso observamos no Candomblé uma das resistências vitoriosas contra o controle social pretendido pelo Estado.

Hoje, a resistência negra encontra-se mais fortificada numa lealdade, tenaz e resoluta, aos valores herdados de seus fundadores. A esta lealdade Couto Ferraz chamou de “retorno à África”, que traduz nos fatos pela união de todos os seguimentos religiosos afro-descendentes tradicionais numa federação e, por ela a excomunhão de seitas sincretizadas. Percebemos que nos últimos anos um movimento tem crescido dentro do Candomblé, rejeitando o sincretismo com elementos cristãos na busca por recriar o que entendem como um Candomblé “mais puro”, ou que valoriza unicamente os elementos africanos.

Umbanda

Se buscarmos a origem, vamos nos deparar na verdade com origens no plural, pois são várias as suas ramificações, sínteses de diferentes tradições religiosas de influências indígenas, africanas, esotéricas e cristãs, porém é comum identificar Zélio de Moraes como fundador da Umbanda no Rio de Janeiro por volta de 1920. (SAIDENBERG, 1978, p. 34-38)

Diferente do Candomblé que busca cultuar somente os orixás, a Umbanda incorporou várias outras práticas religiosas, absorvendo, por exemplo, o Caboclo e o Preto Velho como componente de sua Religião.

Concordando com o pensamento de Yvonne Maggie, no qual, processa-se como regra na Umbanda uma inversão de valores sociais, onde os “marginalizados”, os negros, os índios, é que vão possuir mais poder. Aproximamos-nos da perspectiva apresentada por Ortiz (1991), em que a Umbanda reproduz as contradições da sociedade urbana brasileira, sendo uma alternativa encontrada pelos seus adeptos de atribuição de “sentido de mundo”.

A Umbanda trás consigo um pouco dessa acumulação ou aculturação religiosa historicamente construída, imposta por elementos religiosos dominantes por motivo de perseguição quanto ao uso de seus rituais, em que buscava impossibilitar seus praticantes com propósitos de desnortear sua cultura de origem, fazendo valer a primazia do cristianismo. É o que a Umbanda faz: apropria-se de elementos do cristianismo e do Candomblé, formando assim uma nova identidade, livrando-se portanto de alguns rituais e apresentando-se como espiritismo de mesa branca, assim, aderindo várias autoridades.

Para Renato Ortiz, tratando do surgimento da Umbanda pode-se perceber que:

Primeiro, o desenvolvimento larvar das casas de culto, as quais não têm entre elas nenhum laço de organização; segundo, o momento da ‘tomada de consciência’ de uma camada de intelectuais, da emergência de uma nova prática religiosa que se orientava no sentido de integração na sociedade brasileira (...) após o encontro de 1941, assiste-se a um crescimento cada vez maior desta direção intelectual que se organiza sob a forma de federações ou congregações regionais. (ORTIZ, 1991, pp. 627-628)

Pudemos observar que apesar de tanto o Candomblé quanto a Umbanda ter uma mesma raiz africana, enquanto no Candomblé se cultua os Orixás seja dentro de um sincretismo ou não, transmitido por gerações desde a escravidão, já na Umbanda absorve-se além dos Orixás, outros elementos de origens diversas tais como esotéricas, cristãs, ameríndios, sendo a raiz africana não a única ou principal na configuração da Umbanda, constituindo-se apenas como mais um elemento enriquecedor na formação desta religião essencialmente brasileira.

Para os seguidores do Candomblé a África é a terra-mãe, a qual se deve retornar as lembranças, no fortalecimento da religiosidade e identidade afro-brasileira. Já a Umbanda aos poucos se constituiu como uma religião genuinamente nacional se comparadas às religiões de “importação”: protestantismo, catolicismo e Kardecismo. Daí rompendo a presença do sincretismo afro-brasileiro na Umbanda para uma síntese brasileira, de uma religião endógena. Inscreve-se na consolidação da sociedade urbano-industrial e de classes, a especulações de movimentos de mudança cultural na homogeneidade de crenças e práticas afro-brasileiras ressignificando no conjunto da sociedade global e consolidando-se as transformações do mundo simbólico afro-brasileiro em conformidade com os valores legítimos dessa mesma globalização da sociedade.

1.3. A expressão do sagrado no Candomblé e na Umbanda

“De onde derivou este temeroso ensinamento sobre o mal se não nos evangelhos?” (MAAG *apud* SANFORD, 1988, p. 57).

A passagem do evangelho de Mateus 5,27-28 “Ouvistes o que foi dito: não adulteraréis. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela.” Trás um exemplo sobre este temor frente ao pecado, também manifestado sobre outras formas na passagem do falso profeta (Mt 7,15-23) que entre outras contribui para a construção do sistema simbólico do medo cristão-ocidental frente ao pecado que indiretamente tende a fortalecer a rejeição no tocante as religiões afro-brasileiras.

O mal enquanto manifestação de sentimentos humanos, assim como o medo enquanto reação, existe em mesma intensidade, com a diferença de que o mal parece que nos impulsiona à ação, corroborando às nossas necessidades de desejo e concretude. Quanto ao medo, podemos caracterizá-lo como uma reação a algo ou alguém que não necessariamente está presente diante dos olhos, podendo estar representado. Segundo ANDRÉ (2007), é esta, pois, a palavra que distingue o Medo: condicionamento. Estamos condicionados aos ensinamentos que nos

transmitiram, e vencer tal condicionamento exige uma introspecção ao ponto de partida desse sentimento, conhecê-lo é o primeiro passo a ser dado rumo ao enfrentamento e a quebra das barreiras que impediam sua sublimação.

Rica em variedade étnica, a religiosidade afro-brasileira encontra em suas manifestações expressões presentes na música, na dança e em suas outras formas de alegria e festa. E na base desta compreensão está a família, e com este reconhecimento de consangüinidade dos laços existe uma relação ampla e envolvente, em que se manifesta a tradição com os ancestrais, realimentando assim a unidade da família afro-descendente.

A esta realidade de vivência e experiência, acrescentam-se as práticas da religiosidade de fé e expressão nas comunidades negras, inclusive nas festas religiosas cristãs, em que os Orixás são fortemente celebrados, alimentando desse modo à dinâmica da vida em comunidade.

A fundamentação de sua fé e busca do Sagrado está na história dos Orixás, cujos testemunhos transmitem em sua tradição oral. Esse conhecimento não deve ser obtido apenas pela razão como nos ensina a tradição Ocidental, mas seja reconhecido, também, através da intuição, da emoção, do corpo, como fontes e instrumentos de conhecimento e de sua expressão. Portanto o culto comunitário permite propagar parte da força e da manifestação do sagrado.

A natureza, os animais e os seres humanos estão envolvidos por este axé que para a tradição yorubá significaria “nós realizamos⁵”, com a ajuda, a força e o poder dos Ancestrais e dos Orixás, que não são deuses, mas expressão de muitas maneiras de ser o deus Olorum (Deus supremo). Esta experiência mística os une a uma profunda comunhão com o Sagrado, e através de seus Orixás se faz presente em cada pessoa.

Apesar da imposição cultural e religiosa que foi posta em prática pelos colonizadores, os negros reagiram de várias maneiras, expressando suas formas, usos e costumes, em sua própria experiência de Sagrado.

A convicção da continuidade vital ativa entre a comunidade e a

⁵ Portal Orixás Afrodescendete. A palavra axé (asé). Disponível em: <http://orixas.com.br/portal3/index.php?option=com_content&task=view&id=25&Itemid=47> Acesso em 02 de fevereiro de 2009.

ancestralidade é tão essencial, que sua atuação penetra a vida individual e social. Os Orixás estão especialmente associados à estrutura da natureza, do cosmo, são figuras divinizadas, não são deuses, pois para os Nagôs só há uma divindade suprema: Olorum. (ANJOS, 1999, p. 67)

Os povos africanos tinham sua própria cultura e religião e adoravam seu deus que era tido como grande ser, no idioma Zulu chamado Mvelingangi, várias outras tribos também adoravam outros deuses, esta adoração já acontecia muito antes da chegada dos brancos à África. O deus da comunidade negra é da vida, da história, da família e dos seus costumes. Tinham seu próprio conhecimento e estavam em constante sintonia com os ensinamentos “dos mais velhos, dos pais e dos antepassados” (ANJOS, 1999, p.79)

Para o povo africano, há um grande respeito aos antepassados. Vemos aqui como o Candomblé brasileiro absorveu esta tradição de culto aos antepassados como vimos anteriormente citados. Mas o negro com tantas informações recebidas pelos primeiros europeus no século XV choca-se com os antigos costumes das suas culturas africanas criando uma atmosfera favorável à construção futura de uma cultura propriamente brasileira. Encarando a circularidade cultural pensada na perspectiva de GINZBURG (2006) no qual distingue uma cultura erudita e uma cultura popular, todavia percebendo uma circularidade entre elas. Permite que pensemos os grupos populares apropriando e re-significando os valores eruditos, para assim podermos aprofundar a reflexão sobre o movimento recíproco e contínuo que influencia os diferentes níveis culturais.

Revelação, cuidado, formas. Dessa maneira apresentam-se os Orixás a quem os procura na disponibilidade de sua correspondência e harmonia. No desvelo de seu conhecimento o mistério para uma experiência mística.

Muitos não têm o conhecimento, nem acesso a esta riqueza de espiritualidade religiosa e encontram em seus próprios fundamentos respostas por vezes preconceituosas quanto às manifestações afro-brasileiras. Convicções estas inseridas ao racismo e a exclusão pressupõe perigo. O que vamos encontrar no interior dos terreiros são entregas, sem medo, ao fascínio de uma experiência espiritual.

Gestos, danças, e a mística de suas mensagens litúrgicas presentes em toda parte como bem ressalta BOTAS (1996) em seu livro *Carne do Sagrado*, quando nos trás a idéia de que a magia dos Orixás está presente em toda parte.

A relação deste laço místico e a ligação com a divindade renovam a existência humana, dando sentido a sua identificação pessoal na história, marcada pela presença africana que quando por aqui chegaram enquanto cativos, em um processo de imposição da metrópole portuguesa, foram assim submetidos ao trabalho escravo resultante do sistema de tráfico existente desde o início do século XVI até fins do século XIX.

O legado cultural e espiritual, deixado por estes irmãos africanos através de sangue, suor e lágrimas formaram exemplos a fortalecer e proporcionar maior resistência para persistir na manutenção e continuidade da expressão e manifestação da cultura afro-brasileira, rompendo barreiras nos emaranhados da ignorância e do medo sem fundamento, como afirma BOTAS (1996, p.31): “A religião dos Orixás é a ciência de deixar Deus fluir através de você, transformando assim sua vida inteira em uma oração. Assim quando Deus respira, você respira”.

Participando de uma reunião da Rede de Mulheres de Terreiros em Casa Amarela, no Alto Santa Izabel, no Centro Afro Ilé Axé Obá Xangô, do babalorixá Luiz Justino (Pai Luizinho), ocorrido em final de Julho de 2007. A qual visava uma maior interação e aproximação entre os terreiros, promovendo reuniões para diálogos sobre o envolvimento na Sociedade religiosa. Em entrevista com uma das componentes, chamada aqui por Fernanda Souza, integrante do terreiro Ilé Obá Aganjú Okoloyá, pergunto qual era sua visão sobre o Medo por pessoas de fora que assistiam a essas manifestações. Suspirou, sorriu, e falou:

Eu também tinha Medo. Não medo de falar com o Orixá, eu até falava, mais tinha medo da matança dos animais, de me virar no santo, entrar em transe. [Perguntei por quê?] Tinha medo de não voltar, pois quando eu era pequena, presenciava tudo lá em casa. Sou neta de escrava, sou branca porque meu pai era descendente de Portugueses; o tempo passou e agora não tenho mais medo, mais acredito que muita gente que vê, tem medo e fascínio. O que sinto falta hoje [continuou nossa informante], é de como as festas eram celebradas. Sinto falta da dança em chão batido, de correr atrás das brasas para apagar com as mãos que Xangô jogava e agente pegava para não queimar as casas pois eram feitas de capim, como também das vestimentas, tudo hoje é

muito rico em algumas casas. Não condeno, mas não concordo. Hoje é a mídia que fala e a religião perde um pouco sua tradição e costumes.

(Fernanda Souza, relatado em 15 de junho de 2008).

Associo o relato anterior a análise operada por Patrícia Birman:

Medo e fascínio, atração e repulsão são formas de nos relacionarmos com fenômenos que são extraordinários porque colocam em cheque várias idéias preconcebidas que cultivamos na nossa cultura. (...) Somos levados a observar um profundo mistério. (BIRMAN, 1985, p. 7)

O terreiro de Candomblé e Umbanda é antes de tudo o lugar em que se guarda e celebra a sua história. Seja nas cantigas sagradas, nas danças, na maneira de aprender, de cozinhar, de orientação através dos Orixás, lembranças das cidades e lugares sagrados na África, de lutas, das famílias e seus antepassados de onde recebeu sua origem como fonte de vida.

1. 4. Marcas da Memória: fragmentadas do passado

Este estudo me possibilita voltar ao tempo, fazer uma introspecção de nossa vivência, ao que chamamos de Sagrado. Vemos de um meio essencialmente católico, carregamos lembranças da sala de jantar, aos universos religiosos vivenciados e tão rigorosamente marcados por experiências em âmbito familiar estendendo-se a outros ambientes.

Discutindo sobre o conceito de memória, Aluizio Medeiros analisa as diferentes perspectivas teóricas, desde Henri Bérson, que buscou distinguir a memória da percepção pura, passando pela natureza social da memória estudada por Maurice Halbwachs que interessa para este trabalho por entender que:

(...) quaisquer que sejam as lembranças do passado, que eventualmente um indivíduo possa experimentar, ainda que lhe pareçam resultado de sentimentos, pensamentos ou experiências exclusivamente pessoais, estas só podem existir de fato a partir dos quadros sociais da memória ou das representações coletivas. De acordo com Halbwachs, os quadros sociais da memória não são constituídos pelo mero arranjo e combinação de lembranças individuais isoladas, ao contrário, eles constituem instrumentos

eficazes de que a memória coletiva se utiliza para restituir uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes do presente. Desta forma, é que a memória encontra-se imbricada na cultura material e moral das sociedades. (...) Vista dessa perspectiva, a memória social oferece padrões para a estruturação do imaginário, que compreende a dimensão expressiva, cognitiva e normativa da vida social. Concebendo seus próprios “lugares da memória”, os indivíduos estão ao mesmo tempo também reinventando suas tradições e redefinindo suas identidades, aspecto essencialmente útil para a compreensão dos fenômenos de memória e imaginário localizados no contexto contemporâneos. (MEDEIROS: 2006, p.84)

Nesta perspectiva pretendo trazer alguns quadros individuais de minhas lembranças inseridas em tramas de acontecimentos sociais representativos ao medo e ao preconceito existente e alimentado pela sociedade. Neste e nos próximos capítulos, os tópicos “Marcas da Memória” evidenciará sempre esta perspectiva de leitura do meu passado marcadamente temeroso às manifestações religiosas de matriz africana até o momento de releitura desse temor.

Por volta dos anos 60, participávamos ativamente dos movimentos existentes da capelinha, pois nossa comunidade em um subúrbio do Recife, não tinha condições para ser uma paróquia; portanto não merecia tanta atenção da Cúria.

Povo impregnado pela fé em seu protetor São João Batista, mobilizavam-se nas festas em sua homenagem, com direito a procissão e tudo o mais. Convivíamos junto a nossa capela, com nossos irmãos evangélicos e catimbozeiros ou xangozeiros como eram chamados, que transitavam participando das celebrações, onde já vivenciávamos o sincretismo, sem o conhecimento do mesmo.

Lembro que perto da minha casa existia um Xangô chamado de casa de D. Lídia, que todos tinham medo inclusive nós. Só de escutar o toque já ficávamos assustados, só com o som e os batuques com músicas que não entendíamos. Éramos proibidos de passar na rua, quanto mais olhar, ninguém tinha coragem.

Quando tinha toque já se esperava que na encruzilhada tivesse despacho, sempre colocado a meia noite. Diziam que Zé Pilintra era quem colocava e que ninguém mexesse, pois podia “o catimbó pegar em você”. O que não entendia era que, após o despacho, algumas pessoas mexiam e retiravam objetos ali colocados como: garrafa de pitu, cigarros, dinheiro, e não via nada acontecer, pelo

menos naquele momento.

Na paróquia, o padre, sempre nos sermões, falava mal dessas pessoas e tínhamos até medo de falar ou tocar nas pessoas dessas casas. Era como ser contaminado se isto acontecesse. Vez por outra a polícia chegava e terminava tudo o que estava acontecendo ali.

Diziam que cultuavam o demônio e acreditávamos. Hoje vejo com outros olhos a festa do Santo, para muitos ali está se concretizando a festa de Xangô e não do Santo João Batista, pois esta manifestação aqui reverenciada se dá ao Xangô Santo Guerreiro tido como herói. E a igreja vive essa efervescência, na multiplicidade de religiões ali existentes, em completo entrelaçamento de ritos e cultos transformados da inculturação, costumes e hábitos na diversidade de suas etnias. Como diz o Teólogo Paulo Suess:

A inculturação mística, litúrgica, ministerial, estrutural, ético-moral e teológica será sobretudo, a obra missionária dos respectivos povos, não isoladamente, mas em comunhão com o conjunto das igrejas que compõem a igreja universal. (SUESS in ANJOS, 1999, p. 191)

Como situo este caso ocorrido no ano 2007 por uma aluna Mônica (nome fictício) obrigada a queimar todos os seus brinquedos, inclusive as bonecas por serem possuídas por espíritos de casas de Xangô. Assim falava em seus diálogos comigo, em curtos períodos de tempo na escola, pedindo para que eu conversasse com sua mãe, pois a mãe acreditava que nas bonecas existia realmente o mal, do qual o pastor falava em suas pregações. Sendo este comentário generalizado por outros alunos da sala. Todos os membros participavam da instituição da (IURD) Igreja Universal do Reino de Deus.

Existiam outros casos isolados de pais que pediam à professora, ou à direção, para não deixarem os filhos brincarem com colegas que, em suas casas, cultuassem essa forma de religião. Dessa maneira levando o mal para sua casa. Lembro quando comecei as construções das entrevistas, uma professora falou para mim: “Olha Mazé, em minha sala tem um aluno que fala em participação nas danças e festas que acontecem em sua casa. Você não acha interessante conversar ou até mesmo gravar sua fala para observação? [E assim meio querendo um reforço olhou para outra professora que se encontrava no local pedindo uma confirmação. Onde a

resposta do interlocutor foi só um esboço de sorriso nos lábios, permanecendo assim o silêncio]”⁶.

Até pensei em construir um diálogo com a criança, mais de imediato lembrei que quando trabalhamos com criança, precisamos da autorização dos pais. Então seria mais interessante e apropriado o relato da professora que no caso estaria sendo seu intermediário. Então voltei à escola e obtive a resposta: “agora tô sem tempo”.

Farei um relato acontecido em 2007, e foi um longo processo de conversação com a mãe pois estava separada do pai da criança logo após as férias: Em minha sala um aluno, o Pedro (nome fictício) dizia ser o demônio, e que ele, a partir dessa afirmação passava a ter atitudes de desequilíbrio e por vezes prejudicando o andamento das atividades da turma. Não que ali estivesse fisicamente sua afirmação, mais é como ele em sua imaginação de conhecimento e transmissão incorporasse esse desejo como para que dá vida a sua percepção de criança. Pois ali naquela pequena simulação dramática (teatral) havia a transparência e a denúncia do seu desajustamento familiar, e as constantes brigas ali vivenciadas ao qual transportava para o ambiente escolar. Havia modificações em seu semblante, mais como não ter? Pois queria dar vida ao seu grito de socorro, e nessa aparência quem sabe atenção para um acolhimento por parte dos colegas e professora também. Pois a partir do momento que falava eu “sou” todos sentiam “medo”, mesmo sabendo que aquele aluno era conhecido em sala. E que há poucos minutos brincava sem qualquer disfunção de suas atividades físicas normais. Acredito que muitas dessas atitudes contribuem para o afastamento, e resistência de alguns professores em trabalhar este tema dos afro-descendentes em sala de aula.

Com a continuação dos encontros, descobrimos que o pai era a principal causa de suas transformações. Como também a igreja em seu aspecto doutrinal, sabendo que a instituição pela qual nos remetemos é a igreja Batista situada na mesma comunidade da Escolinha do Dom, no bairro da Várzea.

Talvez nem nos demos conta dos preconceitos que nos acompanham embutidos, camuflados na realização de ações que alimentam ainda mais as

⁶ Conversa informal realizada na Escola Municipal Escolinha do Dom no dia 12/05/2008.

diferenças de maneira sutil e avassaladora dificultando o processo de formação dos alunos.

A criança tem valores, interpretações perceptivas às situações vivenciadas no seu cotidiano, quando expressa em totalidade a sua existência, firma-se portanto a observação na preservação de atitude. Geralmente a cor negra é associada à negatividade e expostas a classificações com permanentes rituais de inferiorizações.

Expressa por Hirschfeld em sua teoria da seguinte maneira:

A teoria evidencia, ainda mais, a complexidade do processo de superação de relações raciais preconceituosas ao mostrar que raça é uma noção importante e central na teoria das crianças sobre a sociedade, aprendida através de uma elaboração de informação discursiva e não tanto através de pistas visuais. A integração entre o conhecimento conceitual (construído através de pistas verbais) e conhecimento perceptivo se desenvolve durante os anos iniciais da escola. Nesse momento, as crianças passam a se preocupar com a "acumulação de conhecimento factual sobre os correlatos perceptivos, culturalmente relevantes, do conceito em questão. (HIRSCHFELD, 1996, p. 137)

Portanto, a criança apropria-se dos fatos eventuais e possíveis de acontecimentos e os classificam dessa forma a sua maneira de percepção e não a percepção e visão do outro. Aprimorando dessa forma seu conhecimento.

O ambiente escolar tem uma grande importância e participação nesse contexto, pois é nele onde a criança de educação infantil em seu início de simbologias, vai assimilando e construindo de maneiras apropriadas seus próprios conceitos.

Cabe, nesse momento, ao professor, oferecer ferramentas acessíveis ao nível do seu conhecimento e vocabulário, ao qual já chega com algum conhecimento em sua vivência familiar e social.

CAPÍTULO 2 – O MEDO EM QUESTÃO

Neste capítulo buscaremos entender o medo, tanto em seu aspecto pessoal quanto coletivo, tentando estudar sua manifestação social, principalmente no que se refere às religiões afro-brasileiras. Também será nosso intuito diferenciar o medo do preconceito, entendendo as motivações destes conceitos como nem sempre interligadas, apesar de suas proximidades. Por fim, utilizando o que a sociologia denomina “controle social” queremos entender esse conceito submetido à luz do nosso objeto de pesquisa.



Foto 02 - Ritual de Iniciação⁷

⁷ Candomblé: o mundo dos Orixás. O ritual de iniciação no Candomblé. Disponível em: <<http://ocandomble.wordpress.com/2008/04/29/o-ritual-de-iniciacao-no-candomble/>> Acesso em 01 set 2008.

2.1 - manifestação social do medo.

“Existe uma fronteira imprecisa que separa o medo e o fascínio”.
Ferreira Gullar, 2008

Quando falamos sobre o medo, não nos referenciamos a uma novidade ao menos em nível de sensação, este sentimento, mesmo que incompreendido, acompanha nossa espécie. Isso não quer dizer que o medo seja exclusivamente humano, mas a forma como ele se manifesta em nós se distingue em dado momento de sua manifestação em outros animais devido a nossa capacidade simbólica. Nossos medos singulares atuam como “emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação” (DELUMEAU, 1989, p. 23) sendo tal ameaça concreta ou imaginada, além da potencialidade dessa construção de medos poderem ser compartilhados por grupos inteiros de indivíduos.

O medo nos impulsiona a uma reação, ou seja, à medida que a ansiedade absorve os nossos movimentos e pensamentos os reflexos por vezes tornam-se ativos ou passivos para uma intervenção, assim sendo, os mecanismos de defesa atuam junto com a elaboração do alerta.

Essa junção reação-ação, é que nos remete a um condicionamento de resposta que nos indica de que maneira solucionar o acontecimento regente, inconsciente ou consciente é pois o medo que nos alerta para uma construção de perigo, seja ele imaginário ou real, individual ou coletivo.

O mundo hoje, nos oferece vários modelos de vida. Vivemos na contemporaneidade, mas ainda enfrentamos os desafios da modernidade, e mesmo assim nos sentimos órfãos dessa realidade, e, por vezes incapazes de solucionar problemas emergentes, existentes a essa construção de sociedade. Ficamos assim amedrontados com a rapidez desse crescimento, que nos sufoca.

O medo provoca reações em nosso organismo, um sinal ao hipotálamo mobilizando dessa forma tipos de comportamentos somáticos que desencadeia modificações endócrinas em diferentes efeitos circunstanciais de indivíduo a indivíduo quanto a reações. Por exemplo: movimentos acelerados do coração ou

diminuição, respiração acelerada ou lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, reação das glândulas, diarreia, retenção ou afrouxamento das vias urinárias, mobilização de comportamento e até mesmo uma reação exterior de violência. Esta reação ocorre no ser humano em função de sua defesa, mais nem sempre a efetua com discernimento. Com isto podemos afirmar que estas reações são ampliadas para reações coletivas? Quando falamos de coletivo logo nos vem em mente aglomerações de pessoas valendo-se de um a mais grupos com reações adversas com especificidades de reações pessoais (idem).

O medo coletivo é proveniente de uma habilidade de influenciar a capacidade de julgamento quanto à rapidez do seu contágio fazendo desaparecer assim o senso de responsabilidade pessoal, enfraquecendo dessa maneira seu espírito crítico. Já no medo individual a realidade reside na experiência do sujeito (idem).

Podemos até formular um início de distinção entre medo e angústia, no qual o primeiro tem um objeto determinado ao qual se faz o enfrentamento, já o segundo não o tem e é vivido de uma espera dolorosa diante de um perigo temido e não identificado sendo assim um sentimento de insegurança. Como nos apresenta Jean Delumeau:

Bruscamente, à noite ou de dia, o doente é tomado por uma sensação de constrição torácica com opressão respiratória e impressão de morte iminente. Da primeira vez, ele teme com razão um ataque cardíaco, a tal ponto a sensação de angústia assemelha-se ao angor⁸, com o qual a linguagem aponta a semelhança. Se os episódios se repetem, o próprio doente reconhece seu caráter psicogênico. Isso não basta para acalmar nem suas sensações nem seu medo da morte. (ibidem, p.25)

Pois é a imaginação fator primordial na angústia, colocando a causa mais no indivíduo do que na própria realidade que o cerca, diferentemente do medo, a sua duração pois não está limitada ao desaparecimento das ameaças. Anteriormente falamos que o medo é mais apropriado ao homem do que ao animal. Portanto a inadaptação desses medos pelos indivíduos podem conduzi-los a um estado de inquietação profunda geradores de crises de medo. Se observarmos com atenção, veremos que não é difícil identificar a presença do medo nos

⁸ Palavra latina que significa angústia e angina (N.T.)

comportamentos de grupos. Dos primitivos a sociedades contemporâneas o encontramos a passos distintos, e nos setores mais diversos do nosso cotidiano. Sobre o comportamento primitivo Callois nos fala:

Máscara e pânico estão constantemente presentes juntos, inextricavelmente emparelhados [...] [o homem] abrigou atrás desse segundo rosto seus êxtases e suas vertigens, e sobretudo o traço que ele tem em comum com tudo o que vive e quer viver, o medo, sendo a máscara ao mesmo tempo tradução do medo, defesa contra o medo e meio de espalhar o medo. (CALLOIS *apud* DELUMEAU, 1989, p.21)

Acrescentando a este pensamento L. Kochnitzky explica, a propósito dos casos africanos, esse medo que as máscaras simultaneamente camufla e exprime:

Medo dos gênios, medo das forças da natureza, medo dos mortos, dos animais selvagens à espreita na selva e, de sua vingança depois que o caçador os matou; medo de seu semelhante que mata, viola e até devora suas vítimas; e acima de tudo, medo do desconhecido, de tudo que precede e segue a breve existência do Homem. (KOCHNITZKY *apud* DELUMEAU, 1989, p.21)

Segundo Ferreira Gullar, o antropólogo Roger Caillois em artigo publicado na “Nouvelle Revue Française” (Outubro de 1957), intitulado “Le Masque”, trabalha o conceito de máscaras e de medo na sociedade humana, onde apresenta que:

[...] nas sociedades primitivas, o que importa é estar mascarado e fazer medo; ou não estar – e ter medo, muito embora haja comunidades em que alguns têm medo de uns e fazem medo a outros. Nestes casos, já se aprendeu que a aparição assustadora do mascarado não é mais que um truque de alguém que se disfarça para assustar os profanos. Mais é inevitável que, aos poucos, as máscaras e os outros elementos utilizados para assustar se tornem com o tempo instrumentos litúrgicos, acessórios de cerimônia, de dança ou de teatro. Afirma que talvez a última tentativa de dominação política pelo uso da máscara tenha sido a de Hakim AL-Moquaunã, O Profeta Velado (ou mascarado) do Khorassan que, no século 8, derrotou os exércitos do Califa⁹.

Interessante é que este artigo se enquadra nos dias atuais em nossas atividades no cotidiano das brincadeiras de crianças e adultos também. Qual criança não se sente atraída pelo fascínio do desconhecido e alimentada pelo mistério enche-se de coragem e se aventura ao medo? Podemos mesmo dar o exemplo do carnaval onde algumas crianças sentem o medo das máscaras e mesmo sabendo

⁹ GULLAR, Ferreira. Ar do tempo. **Máscara-2**. Disponível em <<http://ardotempo.blogs.sapo.pt/114437.html>> Acesso em 06 set 2008.

que por detrás delas existam um outro colega conhecido sente indecisão no toque. Mais mesmo com a sensação de medo, enche-se de coragem, e de olhos fechados se envolve na aventura. Lembremos aqui Delumeau quando nos diz que a coragem não é a falta de medo, mas que necessitamos temer para obter a reação.

Portanto é justamente esta fronteira entre o fascínio e o medo que a criança persiste e se entrega ao prazer de brincar. A sensação de espreita nos ensina a descobrir nossas potencialidades e fraquezas, sejam boas ou más, e nos faz vencer nossos medos, pois estão aí, queiramos ou não, a espera de uma oportunidade.

Hoje vivenciamos em pleno séc.XXI várias formas de medo, não tão diferentes do século passado, talvez em outras instâncias, mais as inquietações quem sabe semelhantes aos seus comportamentos. Nosso sistema econômico, não nos garantindo sustentabilidades suficientes para estabilidades de alimentação, educabilidade e moradia, nos coloca em situação de medo quanto a nossa sobrevivência, ultrapassando a capacidade de análise à atual conjuntura política. A essas evidências descobrimos a importância das reações coletivas, não como desordem ou movimentação de pânico, e sim como estratégias para um direcionamento de ações comunitárias para além de discursos políticos.

O medo nos torna frágeis a manipulações, e garante ao poder capitalista aprimorar seu “controle social” como já descrevia Thomas More:

[...] a pobreza do povo é a defesa da monarquia (...). A indigência e a miséria eliminam toda coragem, embrutecem as almas, acomodam-nas ao sofrimento e à escravidão e as oprimem a ponto de tirar-lhes toda energia para sacudir o jugo. (MORE, *apud* DELUMEAU, 1989, p. 15)

Daí permanecendo os medos chamados de permanentes, como as perdas de emprego, da amizade, do parente, etc. E nos habituamos aos medos cíclicos: tempestades, etc.

Além dos nossos medos, ditos nossos, porque falamos dos que conhecemos ou que estão no nosso imaginário ou na realidade. Existe também o medo das religiões. Quero aqui me deter sobre a existência dos medos fundamentados ou infundados pelas pessoas, seja por ignorância da existência da religião ou por seu desconhecimento, ou até conhecendo mas não respeitando aquele credo. Nessa dimensão, vou procurar esclarecer alguns pontos sobre o

sentimento de medo que percebo em pessoas a respeito das Religiões Afro-brasileiras e suas manifestações.

Certo dia conversava com uma amiga e não sei como a dimensão da conversa chegou até religião, acredito que talvez por estar com um livro que falava sobre a Umbanda. Como ela é uma pessoa muito curiosa perguntou: “Tu virou catimbozeira agora é? Perguntei por quê? Ao qual ela falou: não, é que vi este livro e pensei com meus botões...” E daí comentei com ela que estava fazendo uma pesquisa sobre o medo a respeito desta religião e gostaria de descobrir, quais os sentimentos que transcorrem nessas pessoas a este fato.

Vejam como se rotulam as pessoas, por um simples objeto, já concluem a investigação sem o conhecimento da religião e seu pertencimento. O sentimento deste medo trás consigo raízes das tradições e dos costumes que a nós foram transmitidas por nossos antepassados num processo de repressão sobre tudo que referendasse a cultura africana. Como nas Religiões Afro-brasileiras existem em suas manifestações rituais mortes de animais, isto as vezes favorecem as pessoas a fazerem comentários referindo as suas manifestações a rituais satânicos e provocadores, como foram incutidos desde a época do colonialismo e que permanecem fortes vestígios até hoje. No cristianismo também se representa à imolação do cordeiro no ato litúrgico da celebração, mesmo que hoje se opere através de uma simbologia de pão e vinho, em seu passado a história do povo de Deus realmente imolava o animal e nem por isso tornava o ato diabólico.

O nosso povo ainda é muito preconceituoso e com este pensamento observam as manifestações religiosas afro-brasileiras com medo de pegarem encostos, medo da morte, passar perto de cemitério ou mesmo o simples fato de olhar qualquer de suas manifestações.

Comento aqui um exemplo dessa visão, recentemente fomos a uma reunião num terreiro que conversavam sobre assuntos corriqueiros sobre suas instalações. Dia seguinte à reunião me perguntaram: “Você tomou banho de sal grosso? Sabe como é né, de repente... Sei não...”¹⁰

¹⁰ RANGEL, Filipi. **Visita ao terreiro** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maze-santos1956@uol.com.br> em 15 de junho de 2008.

Vê-se como permanece arraigado a transmissão recebida ou superstição da ação. É sempre assim, quando comento que fui a alguma celebração logo me falam que devo fazer banho de sal para tirar as mazelas e assim vão construindo seus preconceitos.

Se na concepção de professores que recebem capacitação sobre a cultura e cultos afro-descendentes a idéia de medo frente a essas manifestações se postam de maneira marcante, há de se imaginar de que forma são interpretadas e apresentadas nos ambientes escolares que não se preocupam com a formação, estudo e compreensão dessa religião como currículo escolar, como já foi adotado nas redes públicas e municipais.

2.2 O medo como Controle Social e o medo cultural

[...] devemos falar da tradição não como uma necessidade absoluta e inalterável, mas como metade de uma dialética em evolução – sendo a outra parte o imperativo da mudança (ACHEBE *apud* FONSECA, 2001, p.43).

Trabalhar com o conceito de Controle Social hoje pode ser extremamente perigoso, principalmente ao tentar estabelecer um único significado para um conceito já tão problematizado por diversas tradições teóricas, porém, recuperando um pouco das trajetórias das idéias ao longo das discussões nas Ciências Sociais e Humanas desde Durkheim, passando por revisionistas como Edward P. Thompson e Michel Foucault é possível perceber a operação de mudanças no foco, porém, percebê-la não enquanto cooperação mas enquanto dominação não alterou a questão de “[...] pensar as instituições sociais a partir de uma concepção relativamente unificada da sociedade, ou seja, tendo ainda como pano de fundo a questão da integração social” (CASTELL, 1988).

Logo, para que a noção de Controle Social seja útil para este trabalho retomamos a idéia proposta por Cohen em que aponta a necessidade deste conceito indicar a que práticas sociais específicas corresponde, recuperar as diferentes respostas dos agentes submetidos ao mecanismo de controle, mostrar que essas práticas podem ser produtivas e não apenas repressivas, já que podem produzir comportamentos em indivíduos e grupos sociais e não somente restringir e controlar as ações, além de evitar na análise uma dicotomia pura do Estado/sociedade, pensando nas práticas de controle constituindo-se na relação entre as diversas dimensões institucionais da modernidade e não cair numa visão por demais finalista da racionalidade dos mecanismos de controle social. O “controle social” será então analisado como mecanismos que não necessariamente controlam, mas sobretudo produzem comportamentos adequados ou não a uma determinada norma estabelecida.

Não é objetivo desta pesquisa entrar nos pormenores das práticas de controle que baseadas em normas sociais produzem comportamentos, mas é vital retornar um pouco ao contexto sócio-histórico onde se construiu as religiões afro-brasileiras para a compreensão do referente medo social e sua aproximação com o

preconceito (racial e religioso) e como esta aproximação influenciou o comportamento entre praticantes e não praticantes.

Como características marcantes da história do povo negro no Brasil, encontramos o racismo, onde procura de várias maneiras fazer uma descaracterização de sua personalidade de negro na sociedade colonial: negando sua história; sua cultura; sua própria pessoa; por fim o sentido da beleza física e da poesia (sentimento de seus desejos e formas de viver), dessa forma negavam seu direito de pensar sua existência, e construir sua própria História.

Essa discriminação também passava pelos eixos da economia, religião e sociedade. Nos séc. XV e XVI, o que dominava era o capital econômico em mãos dos europeus que ansiosos por colonização exploravam as Américas. A força do trabalho negro era vista integrada as máquinas de produção e lucro. O sistema mundial se organizava a partir da relação metrópole-colônia sustentada por braços de escravos.

Quanto ao eixo religioso, aconteceu a discriminação por meio da evangelização cristã que não valorizou e nem considerou os cultos africanos e ameríndios em sua comunidade, ao contrário, tais cultos foram reprimidos. Com isto a “conversão” de muitos dos escravos à religiosidade oficial católica, mascarando suas crenças através de sincretismos, e mantendo viva muitas de suas práticas na clandestinidade com medo as forças da repressão tornam-se exemplos de forma que permitiram a permanência das redes sociais da memória africana no Brasil.

Muitas vezes associamos o medo à cor, à aparência, ao olhar e sem querer e às vezes querendo transferimos os nossos condicionamentos para pessoas que nada tem a ver com a realidade do nosso medo e aí alimentamos e até corroboramos com certos pensamentos torpes. Perspectiva que vê no negro sinal de criminoso, ladrão, marginal, esquecendo de que não necessariamente a cor ou o status faz a pessoa, por isso ser necessário um olhar diferenciado que permita abrir espaço de inserção na sociedade independente de sua etnia.

Este medo e preconceito, sempre justificado a um passado histórico de sua manutenção, porém com poucas ações de enfrentamento. Sabemos que hoje disponibilizamos de vários meios para este enfrentamento como a implementação da lei da educação, favorecendo estudos afros como disciplina e assim colocando a

nossa disposição elementos para desmistificação quanto a maleficidade de seus rituais e pertencimento. São muitas as dificuldades de efetivação da lei no âmbito escolar, por motivos do desconhecimento da cultura, da própria resistência de alguns professores alegando que não vê necessidade de um aprofundamento por medo de contatos com elementos dessas manifestações¹¹ e outros empecilhos.

Retratado como sentimento humano, o medo nos envolve num emaranhado de emoções diversas, por vezes díspares, desafiando a espécie humana por provocar reações das mais singulares. No período do regime militar no Brasil, por exemplo, principalmente após o AI-5, o medo de ser considerado um criminoso político e ter todos os seus direitos civis negados silenciaram grande parcela da sociedade. O reflexo deste silêncio alimentado na ditadura não deixou de ser notado após a abertura democrática, gerações cresceram afastadas da política, com o medo de suas conseqüências.

Hoje, a violência urbana minimiza o valor da vida e na busca por segurança nos leva a encarceramos em nossas próprias casas, erguendo muros cada vez mais altos e trancafiando-nos em grades e cercas que não impede a bala perdida, o confronto na rua, a guerra urbana. O medo deste tipo de violência leva a busca cada vez maior por segurança, questiona-se o papel e a eficácia da polícia e das instituições responsáveis por evitar e reprimir, aumentando o uso de meios criminosos para combater o crime, haja vista as milícias e grupos de extermínio.

Mas além do medo à violência, existe a violência provocada pelo medo. Retomando a concepção do medo a algo existente (real ou imaginário), o fato de conhecê-lo, não implica em diminuir o temor, pois suas raízes profundas vão além. A pessoa que sente medo da altura tem o conhecimento do que é altura, mas mesmo protegido por equipamentos de segurança, continua o temor. De forma muito mais mascarada, o medo frente os cultos afro-brasileiros presentes em boa parte dos educadores estudados neste trabalho e nos encontrados ao longo de capacitações que vivenciei provoca uma violência muda, aquela que silencia, oprime, suprime, restringe as manifestações afro-religiosas em ambientes sociais como a sala de aula.

¹¹ Questões envolvendo o medo dos professores em relação as manifestações afro-brasileiras constitui foco de discussão do terceiro capítulo dessa dissertação.

Esta violência provocada pelo medo quanto às manifestações afro-brasileiras é percebida quanto à relutância por parte de professores, em não admitirem seu envolvimento com estas religiões, envolvimento aqui entendido enquanto herança cultural seja em práticas ou valores de uma tradição construída na miscigenação.

Se esta insegurança parte do próprio professor, que no caso é intermediário dessa modificação de pensamento e visão, como será possível essa compreensão por parte do aluno, que ao longo de sua existência escuta revelações por vezes dúbias e com questionamentos cultivados por vínculos colonizadores ou que se tenha essa visão. Porque vínculos colonizadores? Pois não só no período de dominação portuguesa, e não apenas no meio escravocrata, mais ainda na nossa contemporaneidade existem reminiscências, fragmentos deste pensamento colonizador traduzidos nos preconceitos sociais existentes frente aos afro-descendentes e as religiões do Candomblé e da Umbanda. A exemplo à esta afirmação coloco aqui uma pequena informação de Rosana Carvalho natural de Alagoas, Penedo que em sua infância experienciava rituais referentes ao candomblé no seio de sua família já que sua mãe dizia ser filha de lemanjá e recebia o Orixá, isso lá pelos anos sessenta.

Hoje, com 49 anos de idade e com outra visão, Rosana Carvalho faz aqui um pequeno relato, esclarecendo seu posicionamento quanto a estes rituais e o que ficou impresso em sua memória quando criança, sua participação e a maneira como lhe foi transmitida a história desses Orixás por seus familiares. Prevalece aqui o valor histórico e a herança ancestral, além do respeito aos ensinamentos já que os rituais reverenciavam de forma concreta a importância dessa transmissão como persistência e resistência de lutas e sobrevivência de uma religião marcada por várias perseguições políticas e religiosas, e que se revigora a cada inovação:

Quando pequena entre 08 ou 09 anos não lembro bem, presenciava tudo que acontecia nas festas em minha casa. Lembro que eu e meus irmãos, éramos obrigados a participar, até minha cabeça e meu rosto foram melados com o sangue dos animais que ali eram sacrificados, tinha muito medo, mais o que mais gostava era das brincadeiras que ali finalizavam, numa verdadeira alegria.¹²

¹² CARVALHO, Rosana. **Lembranças** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maze-santos1956@uol.com.br> em 04 de agosto de 2008.

Quando falo que estou pesquisando sobre o medo nas religiões afro-brasileiras, às pessoas falam o seguinte: “virou catimbozeira agora é”? Cuidado heim, minha gente! Percebo como a transmissão dos nossos antepassados ainda está impregnada desses preconceitos e que às vezes até prejudica ao contato com outras pessoas por medo em falar de tal assunto.

Nas minhas recordações de criança lembro que na catequese falava-se muito sobre o mal, e sempre relacionavam ao demônio, e que deus via tudo o que fazíamos e mostravam um cartaz com um triângulo, e o suposto olho de deus ao meio. E não sei por que, eu associava ao mal ao medo, e não sei por que ao cemitério. É tanto que quando passava na frente se fosse a noite fechava os olhos, mais sempre deixava uma brechinha para olhar, pois passava de carro e aí a coragem aumentava, mais nunca via nada.

(Maria José dos Santos).

Comentei este episódio como ilustração ao tamanho do medo que fazemos a partir de como nos descrevem, e que as formas somos nós que colocamos em sua intensidade e velocidade de pensamento e criatividade.

Nas nossas escolas continuamos a impor o sentido religioso em nossos alunos quando não abrimos espaço para manifestações relacionadas aos seus cultos e ainda exigimos que participem ativamente dessas manifestações, não deixando com eles a liberdade de expressão que tanto falamos em nossas capacitações. É preciso que também eles aprendam a respeitar e valorizar a cultura do outro, mais que também valorize a sua, trazendo para nossa comunidade escolar suas crenças religiosas e só assim participaremos ativamente do diálogo inter-religioso tão falado nessa modernidade.

2.3 Marcas da Memória: o olhar de um não-praticante.

Nos anos 80 quando tinha apenas o Magistério trabalhava em uma instituição particular situada na Várzea, e meu grupo de alunos era a 3ª. Série do ensino primário, hoje chamada de ensino fundamental. Fomos ao recreio, brincamos e na volta a sala quando estávamos descansando por alguns momentos, um aluno levantou-se em minha direção. Não chegou nem a sair do seu lugar, olhou para mim e caiu no chão com movimentos bruscos, olhos revirados e babando. Gritos, correria

e todos vinham em minha direção, uns choravam e outros falavam tia! Ele tá virando... Naquele momento fiquei ali parada, agarrada a outros que pediam socorro, olhando, e um turbilhão de pensamento passando em minha cabeça. Jamais presenciara aquele fato. Passado o susto, é como se tivesse acontecido um sonho: Que houve? Será que está morto? Acalmei a turma, pedi que sentassem, silêncio! Outros permaneceram agarrados a mim e com dificuldade e também “medo”, pois não sabia o que acontecia naquele momento, caminhei até Fernando, toquei seu rosto e falei ao seu ouvido, sem saber se me escutaria e falei: Hei Fernando o que aconteceu? Ele olhou para mim e com a boca ainda molhada a baba, sorriu e falou: Oi tia... eu... falou algo que não conseguia entender pois não controlava a fala e seus movimentos ainda permaneciam, só que com menos frequência. Acordei ... e falei: Paulo, chama a Ir. Helena e peça para ligar para a mãe de Fernando, que venham aqui. Enquanto Paulo saiu e a turma mais tranqüila, sentei ao seu lado, tirei seus sapatos e camisa, folguei o cinturão da calça e o coloquei sobre meu colo a espera do socorro.

O que construo desse acontecimento hoje: Sendo minha formação religiosa no catolicismo e nas aulas de catequese falava-se em demônio e diabo, quando ouvi falar:” tia ele tá virando”... Na minha cabeça veio logo a lembrança do transmitida na infância e algumas histórias da Bíblia e acredite... realmente tive medo do desconhecido. O que me motivou à ajuda, socorrê-lo naquele momento sem ter o conhecimento da causa, o controle das outras crianças, que talvez em suas cabeças, passassem o mesmo pensamento, já que a professora de catequese era eu mesma. Concluindo o ocorrido: Fernando foi descoberto naquele dia que era portador de “epilepsia” e que nem os familiares tinham o conhecimento, por não ser observado. Então, porque temos medo das manifestações afro-brasileiras e seus rituais? Porque, o que construímos são seqüelas dos ensinamentos e transmissões dos nossos antepassados, através deles permanecendo a relação de diálogo. Portanto o espaço de tempo, época do acontecimento misturados a bagagem de conhecimentos são fatores influenciáveis a visão de percepção dos fatos.

CAPÍTULO 3 - MEDO E SUPERAÇÃO NO ENSINO.

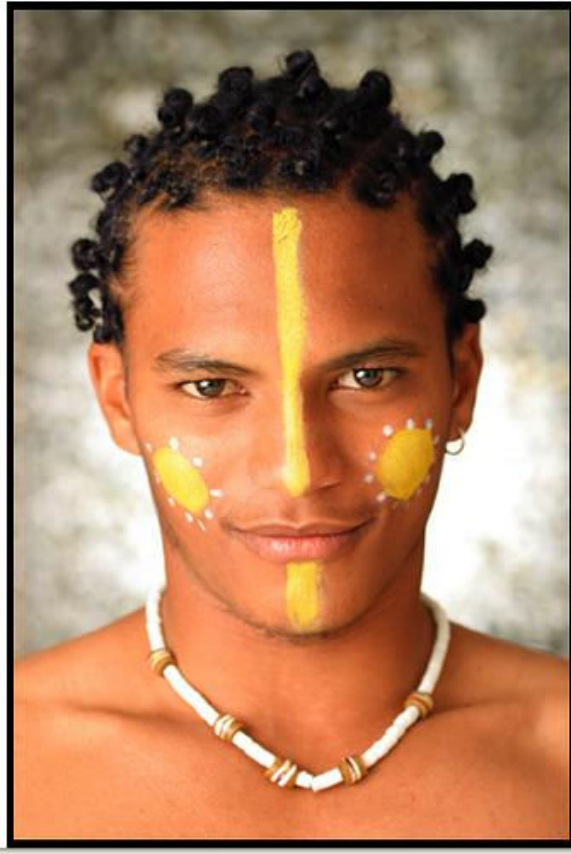


Foto 3 - Oxaguian¹³

De acordo com a lei nº 10.639 de janeiro de 2003 que altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, foi estabelecido nas diretrizes e bases da Educação Nacional, a inclusão no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio, pública e particular, a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-brasileira. Porém, a promulgação dessa lei, apesar de ser um avanço da democracia brasileira, não implica necessariamente no cumprimento de sua letra, haja vista ser fundamental a tomada de consciência por parte dos educadores além da execução

¹³ Oxaguian é um Oxalá jovem. Orixá do dinamismo e movimento construtivo, da cultura material. Seu domínio são as lutas diárias por sustento e trabalho e a paz. Oxaguian incentiva o trabalho e a superação. Oxaguian é o provedor, é o guerreiro da paz. Disponível em: <http://flickr.com/photos/frederico_mendes/2527179247/in/set-72157600790531657/> Acesso em 02 de fevereiro de 2009.

de planejamentos de ensino, capacitações e socializações unidos a um aparelhamento de pessoal comprometido, desde a administração escolar, passando pelos coordenadores, secretários de educação e demais poderes envolvidos.

Como pudemos observar nas discussões dos capítulos anteriores a cultura e a religiosidade afro-brasileira não são aspectos de um passado morto que agora se descobre e é revisitado, pelo contrário, fazem parte do presente vivo de milhões de brasileiros em suas mais variadas manifestações. O Medo frente às Religiões afro-descendentes, mas detidamente ao Candomblé e a Umbanda, objeto de investigação desta pesquisa, põe em tela a importância do estímulo ao debate e de ações governamentais visando à desmistificação destas expressões religiosas. Como assinala Quelcilene Oliveira a respeito da inclusão da cultura afro-brasileira no currículo como ensino obrigatório:

Eu acho que é importante e de fundamental importância, na verdade nossa descendência é de origem africana. **Quanto à obrigatoriedade haverá resistência por parte de algumas pessoas, tudo que é obrigado acarreta em resistência.** [grifo nosso] (E.9.b.)

Como bem foi observado haverá resistência, inclusive entre os professores, pois não podemos pensá-los apenas enquanto uma categoria profissional, mas sim, como indivíduos de identidades multifacetadas, numa complexa rede de interação social que por vezes põe em choque a identidade do professor frente a sua opção religiosa, por exemplo. Por isso a importância de ressaltar a desmistificação que não é fazer a propaganda de uma dada religião ou tomá-la enquanto crença é, pois, dar-lhe o devido valor e respeito, retirando-lhe toda uma carga histórica de preconceitos e medos culturais.

Para as análises que se seguem utilizaremos como instrumental teórico os estudos da conceituação de medo proposta por Jean Delumeau trazendo no arcabouço destas idéias a discussão do medo dos não praticantes frente as manifestações religiões afro-brasileiras na esfera da educação.

Ressalto que o medo para Jean Delumeau é distinto da angústia, já que a angústia o indivíduo antecipa esse sentimento e vive no seu imaginário a dolorosa sensação de desequilíbrio. O medo e sua sensação é qualificado a proporções de ações e objetos do seu conhecimento, dessa maneira reagindo as suas

interferências. O que difere para autores como Zygmunt Bauman onde medo e angústia estão juntos e desta complementação, inicia-se a construção dos existentes medos.

Com estes conceitos ampliados e revisitados vamos encontrar pontos e contrapontos que se convergem e se ajustam ao tema desenvolvido, facilitando dessa maneira nossa compreensão de entendimento quanto aos possíveis medos e suas dimensões, por vezes estereotipadas a concepções de definições gerais. Definições estas que irão se contrapor a sentimentos e preconceitos preconcebidos de conhecimentos, que os levam a uma ação na qual são movidos aos diversos sentimentos, incorporados portanto a sentimentos de medo, no qual já descrito anteriormente, ou seja do seu conhecimento (do medo) e por outrem pela dolorosa e ansiosa espera do que poderá acontecer futuramente, já que esta espera é construída do seu imaginário fundindo-se assim por vezes em intermináveis neuroses de sua psique.

Recentemente num seminário sobre alteridade realizado na UNICAP pelo Prof. Dr. Nilo Ribeiro sobre estudos de Manoel Levinás ressaltou que:

Quando nos fechamos para a transmissão, esquecemos dos dons. Sem eles o indivíduo exalta sua indiferença com relação ao mundo às relações que constituem sua identidade. Se não nos preocupamos mais com a história como nos preparar para o futuro? É justamente aqui onde a identidade narrativa perde sua força ¹⁴.

Portanto, o que está por trás desse comentário? Se não nos habituarmos aos relatos que a nós foram transmitidos, recontados e de certa forma acolhidos nas tradições de nossos ancestrais, como passaremos nossa história para nossos futuros interlocutores que são as nossas crianças ansiosas e sedentas de saberes? É necessário um maior envolvimento, um calar-se para ouvir o outro, neste caso também o aluno, abrindo espaço para que este outro possa reavivar ou tornar possível novos caminhos para a realidade.

¹⁴ Ética, alteridade e transcendência. Recife, 2008. 1 cassete son. (90 min.): estéreo.

3.1 Caracterização do Campo de Pesquisa: Escola Municipal Escolinha do Dom

A pesquisa ocorreu na Escola Municipal Escolinha do Dom, nome em homenagem ao bispo D. Hélder Câmara, construída com a colaboração de várias entidades e pessoas do bairro da Várzea, foi inaugurada em 1992, implantada na antiga residência do prof. Yves Mampeau, na rua Coronel Pacheco número 115, ao lado da praça Pinto Damásio. O prédio que antes era cedido foi adquirido pela Prefeitura da Cidade do Recife em 1996. Sendo inicialmente anexo da Escola Magalhães Bastos, tornou-se autônoma em 1993, voltando a ser anexo em 1994 até que finalmente em 1995 torna-se definitivamente autônoma sob a direção de Marilda Ferreira Chaves. Atualmente a direção da escola é composta pelo Prof. Getúlio Jurubeba tendo como vice-diretora a Profa. Quelcilene Maria.

Situada no bairro da Várzea, encontrando-se inclusive na chamada RPA-04, ou seja, na Região Político Administrativa 4, que corresponde a todo um setor Oeste do Recife, abarcando os bairros da Caxangá, Cidade Universitária, Cordeiro, Engenho do Meio, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Torrões, Várzea e Zumbi; de um modo geral, toda essa RPA vem sendo considerada uma região de subúrbio com diversos problemas que uma área de crescimento não planejado pode enfrentar, desde falta de asfalto nas ruas, esgoto a céu aberto, ruas irregulares, além de outros tantos problemas estruturais que o setor Oeste do Recife também sofre pelo grande número de violência, desemprego e evasão escolar.

Sendo um bairro mesclado por clientela que variam de grandes artistas, a pequenos trabalhadores envolvidos com o crescimento do seu desenvolvimento, com expectativas de melhorias tanto na área educativa, como na habitacional. Um bairro que se reveste do novo procurando ampliar seus horizontes com visão de modernidade misturadas à antigas construções refazendo nas suas tradições presenças do que é tradicional no desejo de inovar sua versão.

Atualmente a Escola Municipal Escolinha do Dom possui uma clientela de 250 crianças na faixa etária de 4 a 6 anos de idade representando grande significado para a população do bairro da Várzea na oferta de Educação Infantil. Contudo é válido ressaltar que a Escola foi, até recentemente, a única da Prefeitura da Cidade do Recife a oferecer exclusivamente o nível de Educação Infantil. Hoje no

município já são em número de três, o que é fonte de grande responsabilidade e envolvimento de nossa comunidade, pois entendemos esta etapa escolar como prioritária na constituição da aprendizagem da criança.

Pode-se dizer que este é o retrato da circunvizinhança da Escola Municipal Escolinha do Dom. Anos de convivência, momentos de reflexão e partilha foram motivos de incentivos a debruçar-me em busca de levar a um entendimento em relação ao conhecimento de abertura a novas práticas religiosas, ressaltando a religião Afro-brasileira, desmistificando as várias formas de preconceitos ainda existentes na comunidade educativa estudada.



Foto 4 – Muro de entrada da Escola Municipal Escolinha do Dom



Foto 5 – Fachada da Escola Municipal Escolinha do Dom

3.2 A Educação e as Diferenças

Alguns conceitos tornaram-se jargões comuns a serem usados no ambiente escolar, tais como interdisciplinaridade, multiculturalismo, inclusão, foram incorporados na fala dos professores, digo na fala especificadamente por pretender uma distinção clara entre o conceito, seu emprego e a real prática docente. Todos os entrevistados ponderaram sobre a importância histórica e cultural de resgatar as manifestações afro-descendentes, porém, certas questões nas entrevistas aparecem muito mais no não dito, do que no dito. Nas pausas, entonações e expressões que se manifestam diante do entrevistador atento que permite leituras outras além das referidas pelo texto. Seria o texto em seu contexto. Para tanto esclareço que parte significativa das posições positivas declaradas pelos entrevistados, referentes à importância do ensino da cultura afro-descendente se manifesta muito mais em nível do “politicamente correto”, mas que não configura num interesse real do indivíduo em operacionalizar esse conhecimento na sala de aula ou no ambiente escolar.

Existem hiatos entre o conceito de “importância de resgatar as manifestações afro-descendentes”, o medo de assistir ou conhecer essas manifestações e a própria fé professada pelos educadores analisados. Arrisco dizer, esses hiatos estão longe de ser caso isolado da escola do Dom, do município ou mesmo do estado.

Eu sinto como um insulto ao criador, a Deus. Bruxaria, feitiçaria, além do mais, é um mal, que eles pensam que estão fazendo o bem, e não estão. Nenhum me atingirá. (E.7.g)

Não me sinto bem. Aí deve sair alguma coisa de violência, alguma coisa do mal (E.5.g)

Anos de perseguição, intolerância e discriminação fazem parte não somente da história do povo brasileiro, mas também da memória e do hábito desse povo, na manutenção de medos e preconceitos mesmo em espaços que deveriam estimular a libertação, como nos espaços escolares.

Torna-se de importância para este trabalho ressaltar a distinção entre o medo e o preconceito proveniente da falta de conhecimento, daquele medo e preconceito originário dos que apesar de conhecer (no sentido empregado pela ciência) optam pela continuidade de suas visões e ações preconceituosas, pela

permanência de uma noção de medo interligada ou reforçada pelas estruturas sociais, seja de cunhos econômicos, políticos, culturais ou religiosos. Estes últimos são os que melhor elucidam as dificuldades de implementação da lei nº 10.639. Para que esta lei não se torne “letra-morta” necessita de ações governamentais sérias, capacitando, elucidando e estimulando a desconstrução de preconceitos entre os educadores, mas não somente, faz-se necessário também atuar na vigilância visando sempre como meta final o educando.

Para termos uma idéia da dificuldade de trabalhar com temas da cultura e religião afro-descendente junto a docentes majoritariamente de credo católico e protestantes, podemos perceber que essa desconstrução do preconceito, pouco se tem trabalhado no âmbito escolar, portanto tornando-se desafiador o assunto preterido pelo movimento negro através da lei nº 10.639.

Vale ressaltar que os entrevistados, em sua maioria, não demonstraram interesse em buscar conhecimento a respeito das manifestações religiosas afro-descendentes, o que se torna representativo no tocante ao ensino, por não configurar-se em temática de interesse destes agentes escolares. É verdadeiramente preocupante posições de alguns professores que nem se quer percebem ou querem perceber a existência do preconceito, como é o caso desse entrevistado: “As pessoas tem livre arbítrio, e **o preconceito creio que não existe**, apenas as pessoas confia no Deus que quer (...)”. [grifo nosso] (E.1.e.)

E mais uma vez faz-se necessário afirmar que tais atitudes não se configura um caso isolado da Escolinha do Dom. Participando das capacitações da Prefeitura e acompanhando as atividades do GTERÊ¹⁵ pude recolher outras experiências socializadas entre as várias RPAs¹⁶ da cidade do Recife:

Olha, um dia desses, estava falando sobre os negros, e uma aluna me saiu com a seguinte pergunta: “Tia, porque você é desta cor? [preta] Como é isso?” Eu que não ia perder tempo em explicar falei: Ah! É que fiquei muito tempo no sol na praia quando pequena... (E continuou me falando) Se satisfiz não sei, só sei que me livre.

(43 anos, professora da Rede Municipal do Recife).

É deste tipo de máscara que falamos que nos incomoda, achamos por bem permanecer escondido, quietinho para não precisarmos pesquisar, nem revelar

¹⁵ Grupo de Trabalho em Educação das Relações Étnico-Raciais.

¹⁶ Região Político-administrativa.

nossa identidade. Na verdade não é medo que sentimos e sim, rejeição a nossa própria origem.

Investida que está dando certo no combate ao medo e ao preconceito na Secretaria de Educação, foi a formação do GTERÊ – Grupo de Trabalho em Educação das Relações Étnico-Raciais. Criado a partir das proposições do Orçamento Participativo dos Negros e Negros juntamente com a Primeira Conferência Municipal de Igualdade Racial em Abril/2005, representado no Programa de Combate ao Racismo Institucional – PCR no setor Educação, o GTERÊ surge como forma de garantir a implementação da Lei 10.639/03. Neste sentido o Prefeito João Paulo e a Secretária Maria Luíza Aléssio assinam a portaria nº. 489 no dia 21 de Maio de 2006. Com a função de organizar atividades para formação continuada de professores (as) da Rede Municipal de Ensino, acompanhando as escolas quanto à reflexão da educação das relações étnico-raciais.

Assim, estas informações nos foram fornecidas a parte, por integrantes do grupo GTERÊ para compor o corpo da pesquisa pelo qual nos dispomos a estudo, para um maior envolvimento e conhecimento da Cultura Afro-brasileira, tão rica em suas origens e, tão perseguida pela então sociedade ocidental que se diz moderna onde a modernidade apenas encontra-se no abstrato dos seus referenciais quanto a estas manifestações.

Existem algumas ações com parceria com o NEAB¹⁷ da UFRPE e internamente através da Secretaria de Direitos Humanos e Diretoria de Igualdade Racial/Secretaria de Saúde e OP temático Negros e Negras. Onde a existência de calendário é construído através de um plano de trabalho anual, com reuniões quinzenais, com atuações no processo de formação continuada de professores, que vão acontecendo de acordo com o calendário das gerências, e seu acompanhamento às escolas. Anualmente são organizados 02 seminários em Março em comemoração ao aniversário do grupo, e em Outubro este mesmo seminário, antecede às atividades do mês da Consciência Negra e, também a mobilização das escolas da rede municipal de ensino do Recife, para a caminhada do 20 de Novembro em celebração ao acontecimento quanto à morte de Zumbi dos Palmares.

¹⁷ Núcleo de Estudos Afro-brasileiros.

Quanto às metas estipuladas pelo GTERÊ para a educação a principal meta é, ampliar o acesso às informações voltadas para a reflexão sobre as relações étnico-raciais, na perspectiva à afirmação de identidades. Junto a estas metas, são postas ações que serão avaliadas e a partir dos limites e possibilidades diagnosticadas. O grupo irá encaminhando ajustes e /ou mudanças nas estratégias pedagógicas no sentido de potencializar as metas que deseja alcançar.

Sua atuação de modalidade, são executadas na Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Em sua função o GTERÊ é composto por 22 pessoas, sendo 3 suplentes, um da Gerência de Animação Cultural, o outro da Gerência de Educação de Jovens e Adultos e terceiro da DASE – Diretoria Apoio Social a coordenação, vice-coordenação e secretaria.

O relacionamento com as escolas, geralmente se dá através da solicitação destas por meio de ofício e, quando o GTERÊ deseja informar os seminários, a formação. A formalização se dá, através da Diretoria de Ensino e/ou Gerência. A partir da demanda das escolas. São realizadas visitas, palestras para os (as) estudantes, e formação continuada para o professor. Existem várias escolas envolvidas, no momento o mapeamento do grupo não está concluído, mas na Rede Municipal de Ensino do Recife o GTERÊ é um grupo de referência no que diz respeito à reflexão das relações étnico-raciais com base nas Leis 10.639/03 e 11-645/ 08.

RPA's são formadas em grupos de 06. Na Educação Infantil, temos a Creche Francisco Amaral, Escola Municipal Hélio Pereira e Creche Paulo Rosas. No Ensino Fundamental I, Herbert de Souza, Antônio Heráclio, Poeta Joaquim Cardoso e Escola Municipal do Jordão. Finalmente concluindo por modalidades, têm-se o Ensino Fundamental II, Escola Municipal Sociólogo Gilberto Freire, Escola Municipal Rodolfo Aureliano e Escola Municipal Dom Bosco, atendendo ativamente as atividades.

Quanto à receptividade nas escolas, o grupo GTERÊ está ciente quanto à resistência presente no corpo discente e docente, como processo natural devido ao mito da democracia social, mas acreditam que à medida que estão tratando da reflexão a cerca da educação das relações étnico-raciais, e a História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no processo da formação continuada, concomitantemente estão criando a possibilidade de desconstruir tal mito.

Portanto, a avaliação desta iniciativa que passamos a observar, é que a Prefeitura do Recife reconhece e valoriza a luta dos movimentos sociais negros, quando cria na Secretaria do Orçamento Participativo a Plenária Negros e Negras, e, além disso, Institucionalizou o PCRI- Programa de Combate ao Racismo Institucional, ao reconhecer a problemática do Racismo no seu interior. O PCRI no setor educação promoveu duas edições de curso de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas para professores (as) da Rede Municipal de Ensino em 2005 e 2006. A partir de ações pedagógicas estruturadas, o GTERÊ nestes dois anos, tem avançado com as proposições, e é um grupo de referência na Rede Municipal de Ensino.

Assim, as alternativas de reconhecimento enquanto Religião foi construída contrariando conceitos e pré-conceitos estereotipados apreendidos no percurso da História da Humanidade. Para melhor compreensão, cito Serra (2003):

No mundo do povo de santo, as marcas étnicas, caminham para uma estilização. As nações tendem a cifrar-se em liturgia; sua música, sua dança, aspectos cerimoniais, mais que fazê-las reconhecer, informam-nas e nelas encarnam. Um fundo comum de tradição compartilhada sustenta o brilho das particularidades que se destacam. (...) O étnico estiliza-se, deixa-se dominar pelo simbólico, no campo do mistério, de uma forma que aproxima dos jogos da arte (SERRA, 2003, p. 61)

Faz pensar que evidências antes avaliadas às especulações de mercado, encontram-se definitivamente num patamar de igualdade, e que não existe uma Religião, mas várias, independente de ritos e crenças e que a cada instante é como se ressurgissem várias, e a cada uma um mistério revelado. Envolver-se por algo que acalentasse naquele momento a nudez de uma verdade.

3.3 Educação, medo, diabo e outras coisas mais.

(...) o Candomblé está relacionado ao culto do diabo, geralmente o Candomblé coloca o mal nas cabeças das pessoas como o culto do diabo. (E.3.i)

Essa frase levou-me a refletir primeiro sobre a leitura cristã que associou e associa o Candomblé ao culto do diabo e do mal, de como se torna difícil até mesmo para os não cristãos desvincular-se de uma comparação com tais parâmetros, questão que já discuti ao longo do trabalho. Em uma segunda leitura friso a última parte do comentário do entrevistado “(...) o Candomblé coloca o mal nas cabeças das pessoas como o culto do diabo”. Veja que segundo essa percepção quem coloca o medo é o Candomblé (ou seus praticantes), passando de sujeito que sofre a ação, para a posição de agente causador, ou culpado. Deslocando a discussão de uma historicidade marcadamente opressora para com suas manifestações, para percebê-la enquanto uma resposta ao medo que seus praticantes buscam causar.

Se pensarmos que o medo é empregado ao longo da trajetória humana como uma das estratégias de guerra não nos faltaria exemplos internacionais e nacionais. Citemos aqui a comparação feita por Vera Batista, entre a Revolta dos Malés, ocorrido na Bahia da década de 30 do século XIX, com os arrastões do fim do século XX no Rio de Janeiro, discutindo o medo como tática para domesticar o país africanizado e autorizar o emprego da violência pelo Estado. (BATISTA, 2003).

O medo então, servindo como instrumento de poder, tem a capacidade de demarcar espaços entre grupos distintos, como entre grupos de religiões de raízes diferenciadas que buscam hegemonia sobre o credo de um mesmo povo. Mas o emprego do medo notadamente não é estratégia de um único lado, porém as formas de emprego e as “armas” ou artifícios que dispões para instigar o medo dentro de uma relação de forças historicamente desigual se apresenta notadamente inscrita em contextos diferenciados.

No mundo ocidentalizado, e cristianizado, o “feitiço” tende a ser desacreditado ou estereotipado em vínculos com o mal e o demônio, possuindo

então, os praticantes do Candomblé e da Umbanda, segundo essa noção, a potencial capacidade de desejar e fazer o mal. Já para Muniz Sodré:

Feitiço” é um tipo de manipulação ritualística de elementos simbólicos, corrente na prática litúrgica dos terreiros e suscetível de efeitos sedutores, por seu forte apelo junto ao imaginário coletivo, sobre indivíduos da sociedade global “branca. (SODRÉ, 1999, p. 189)

A palavra “feitiço” (cuja etimologia remete ao português “feitio”, factício, artificial) tem sido mal interpretada pela sociedade global, por ser historicamente conotada com o significado cristão de “maléfico”. Feitiço é, na verdade, a operação radical de toda cultura, uma vez consiste na exibição, junto aos deuses e aos homens, dos materiais de uma convenção, de um pacto simbólico. Enfeitiçar é atrair ou seduzir um outro para um destino comum por meio de uma força própria, singular. (SODRÉ, 1999, p. 216)

Tais “elementos simbólicos”, descritos por Sodré, para poderem ser reconhecidos fora dos terreiros precisam estar presentes na sociedade e em seu contexto. O símbolo só possibilita a compreensão de seu significado mediante a possibilidade de associação presente no arsenal cultural do indivíduo ou grupo. Assim sendo, numa sociedade majoritariamente cristã perceber o feitiço como regido pelo mal torna-se representativo das distintas interpretações do mundo, em oposição à pretensa unicidade presente na lógica da História inventada pelo Ocidente.¹⁸

Por vezes, estes mesmos “elementos simbólicos” são utilizados por praticantes do Candomblé e da Umbanda como forma de impor o medo, aqui entendido como uma maneira deturpada do respeito, na tentativa de estabelecer uma relação de poder em espaços sociais. Em minha trajetória de professora já presenciei um diretor de escola não notificar as faltas de um funcionário tendo como justificativa o fato deste funcionário ser do Candomblé, sendo esse medo de conhecimento do funcionário que não raras vezes faltava ou atrasava com suas funções ciente que não seria repreendido.

Tenho sim. Um medo tremendo, do que vai acontecer. Sei lá... porque assusta, dá um nervosismo, agente acha que vai acontecer. Agente é falho e quem ta na terra está submissa e sujeita a tudo e não quer ver, não quer ouvir, mais é necessário, porque agente tem que se sujeitar a tudo. Eu não tenho leitura não mais na igreja, tem o pastor que explica tudo como é a vida direitinho e tudo o que está escrito na palavra que o pastor fala se cumpre na Bíblia, não fica pra

¹⁸ Para mais informações, recomendo a leitura de SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

trás a gente sabe que tudo aquilo vai acontecer, porque é a confirmação. (E.5.h).

Esse medo, é como se ele fosse se materializar e fazer mal a gente. Já conheci pessoas que tem medo, é como se eles tivessem poder de fazer mal a gente. (E.9.i).

Tornou-se corriqueiro quando pedimos exemplos de medo a associação do medo à morte, morto, espíritos, magia e sacrifício de animais. Para as ciências humanas o medo envolvendo a morte é um ponto central na compreensão da sociedade. Neste sentido, falando sobre a mudança da percepção da morte na história da sociedade, diz Àries (1975, pp. 35-36): “a antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome”. Assim, para o autor, a morte deixou de ser “domada” para transformar-se “selvagem”, o que Baudrillard (1976, p.197) traduziu quando escreveu que “a morte deixou de ser a grande ceifeira para tornar-se a angústia da morte”.

Medo da morte, de entrar em cemitério, de alma, que a pessoa pensa que vai pegar, medo de vestir um morto. Agora mesmo em Abril tive de vestir minha co-cunhada, que ninguém queria vestir, eu vesti, ela ali coitada, como se fosse uma pedra. (E.7.i)

Ah! São muitos, fantasmas, morte, entidades, incorporações uma infinidades. (E.8.i)

Assim, na fronteira do medo social, o “eu” e o “outro”, o grupo no qual me inscrevo e o grupo do qual temo, estabelece entre si uma relação de conflito que impulsiona reações das mais diversas, desde a submissão de uma das partes frente ao medo, até mesmo a confrontação física. Um pluralismo de fatores entra na composição dessa noção de medo e como foi observado, seu uso pelo Estado está longe de ser obra do acaso, constituindo-se fruto de um embate em diversas instâncias de poder (BATISTA, 2003) ¹⁹.

MAGGIE (1992) percebe que ao trabalhar com processos jurídicos que envolveram manifestações afro-brasileiras, palavras comuns a esfera jurídica aparece na esfera da religião ao se referir a despacho, serviço, trabalho. Segundo o

¹⁹ Também recomendo a leitura de “MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.” Onde discute a feitiçaria presente nas religiões de matriz africana em relação com o Estado, discutindo inclusive a categoria de crença e hierarquias.

pensamento de Foucault não existe verdade, nem mesmo falsidade. O que existe, no entanto, é política de verdade ou regime de verdade o qual irá identificar o verdadeiro e o falso. Mas, o que ocorre nesse caso, é o efeito da linguagem, ou melhor, o efeito de um discurso estratégico, que provoca a falsa sensação de que existe nas coisas essa identificação, quando, na realidade, o objeto não é algo independente, ele depende do discurso. Assim, a memória escrita, aquela que fica registrada, é um exemplo do que é conhecido por verdade, mas que no entanto, é só aquilo que é imposto pelos vencedores, àqueles que escreveram o passado conhecido como verdadeiro. Afinal, o que se forma sobre os objetos é o que se diz sobre eles. Portanto, seguindo essa linha de raciocínio foucaultiana, a “verdade” é o poder, o discurso é utilizado por imperativos de poder como forma de criar indivíduos disciplinares, já que a linguagem quando utilizada de forma estratégica tem a principal função de induzir, submeter o interlocutor.

De uma forma geral, todos aceitam a presença do debate a respeito da contribuição da cultura afro-descendente nas escolas. Porém nota-se uma maior ressalva quanto aos limites deste ensino nos entrevistados de formação protestantes por vezes não dando o status de religião ao Candomblé e a Umbanda, ou ligando tais manifestações ao passado num sentido evolucionista de atraso. Certas questões nas entrevistas aparecem muito mais no não dito, do que no dito. Nas pausas, entonações e expressões que se manifestam diante do entrevistador atento que permite leituras outras além das referidas pelo texto. Seria o texto em seu contexto. Para tanto esclareço que parte significativa das posições positivas declaradas pelos entrevistados, referente à importância do ensino da cultura afro-descendente, se manifesta muito mais em nível do “politicamente correto”, mas não configura num interesse real do indivíduo em tornar operacional esse conhecimento na sala de aula ou no ambiente escolar.

É... vamos ver... são duas ressalvas, você quer saber de Religião ou Cultura? A Cultura, nós temos muitas coisas da cultura dos índios, e dos negros, o sangue, a nossa nacionalidade e hereditariedade nós herdamos. Com relação à religião, **não era** religião, **eles adoravam** aos deuses, a lua, as estrelas, o sol, **o que eles tinham era seitas**. (perguntei: Por que você fala seitas?) Religião, é tudo aquilo que você professa sem mudanças, não é ela que salva você, você tem por convicção, está convicta daquilo que professa, quer (aponta para si). O catolicismo é uma religião, porque é regida pelo dogma, mais não é certo, porque é regido pelo um homem, que é o Papa, tem raiva como eu, cérebro como eu e nós evangélicos não. Somos

regidos pelas palavras de Deus. **Os espíritas**, não sei por quem são regidos, são regidos por outra coisa, os espíritos. Os espíritas não sei por quem são regidos nunca entrei nesse mérito. [grifo nosso] (E.7.b)

Assim como o tempo verbal proferido no passado que procurei destacar da fala anterior que enfatiza o desejo de dar invisibilidade aos cultos de matriz africana na contemporaneidade, concedendo a ele um lugar na história, mas não na atualidade. O mesmo entrevistado confirma o preconceito ainda existente na sociedade diante das manifestações afro-brasileiras, porém, na continuidade de sua fala, pelo fato dos praticantes das religiões afro-brasileiras não terem se convertido para a palavra de Deus.

Tem havido porque o povo está rebelde e não está percebendo em vê o outro, não vê terremoto, guerra, fome, e o povo tá procurando o Candomblé, através de búzios, cartas, pessoas que Deus não deu revelação nenhuma, nenhuma e Deus não deu autoridade para isso. E Deus está sendo passado para trás. (perguntei por que você fala que Deus está sendo passado para trás?) Porque lá em Mateus, Deus fala: Não adorarás, não terás outro Deus, não te curvarás, não farás culto. Não é o homem que tem esse poder. A igreja católica quem manda é o Papa, um homem comum, como eu (repete o que falou na segunda questão) tem raiva, tem cérebro. Você peca por pensamentos, palavras e obras. Nada é comprado, quem pode dar boas obras faça. Não há vela, não há missa, só a palavra de Deus, eu creio em sua palavra, não na do homem. Por isso que o homem faz teologia, para ter o entendimento, a compreensão na mensagem que o pastor vai dizer, não confio nas palavras do pastor, mais na mensagem das palavras da Bíblia. (E.7.e)

Neste contexto da fala do entrevistado 7 torna-se marcante a força que a crença atua na construção de visão de mundo. Mas uma vez ressalto que não basta o conhecer para realizar a quebra do preconceito que neste caso caminha junto ao medo, pois a repulsa só confirma a crença dos fiéis protestantes na força das entidades e orixás afro-brasileiros.

[...] a emoção combina racionalidade, sentimento e sensação para produzir julgamentos reflexivos ou pré-reflexivos. (...) as emoções, por serem julgamentos racionais, podem ser alteradas por força de redescrições, desde que não se entenda redescrição como um cálculo intelectualista. Afirmar que crenças emocionais podem ser alteradas não significa que toda crença, independente da origem, modo de funcionamento e articulação com outras crenças, pode ser transformada pela pura reinterpretação intelectual de seu sentido. O autor afirma que “não é a natureza da emoção que importa tanto, mas a natureza e o lugar de um tipo particular de emoção numa visão de mundo particular. (SOLOMON *apud* COSTA, 1998, p.196)

A lição a tirar dessa visão do medo como “emoção” é clara: se toda emoção envolve crença, é possível afirmar que as formas de lidar com o medo implicam o embate com as crenças que sustentam e dão substância às experiências de medo que nos assaltam. Essa é uma das maneiras de pôr em questão não só nossas crenças, mas também nosso mundo tal como está organizado hoje²⁰.

O quadro que segue da tabela 1 ilustra e reforça o que vem sendo discutido, apesar de compreenderem a importância histórica do ensino da cultura afro-brasileira, discurso sempre presente quando associamos as manifestações com palavras como “currículo oficial”, “História do Brasil”, “inclusão”.

Tabela 1

Crença Religiosa	Visão sobre a inclusão da Cultura afro-brasileira no currículo oficial de ensino obrigatório.
Católicos	Visão positiva. Considera de importância histórica e cultural. Apenas uma demonstra efetivamente um temor quanto ao assunto.
Protestantes	Visão mais negativa do que positiva, ressaltam a importância histórica e cultural, mas não consideram as religiões afro-descendentes como tendo o status de uma religião.
Espírita	Importante culturalmente.

Fonte: Roteiro de entrevistas, anexo I

Mas, a partir do momento que as perguntas tomam a órbita apenas do religioso sem trazer ligações com conceitos como “Estado”, “políticas educacionais” ou “cultura” as respostas dos entrevistados tendem a demonstrar um desinteresse em conhecer, em aprofundar mais no entendimento e diferenciação das religiões de matriz africanas (ver tabela 2). O que se torna representativo no tocante ao ensino, por não configurar-se em temática de interesse destes agentes escolares.

Tabela 2

Crença	Tipo de contato com as manifestações de matrizes africanas
Católicos	Em sua maioria travaram algum contato, seja na infância, na doença, em determinados momentos da vida que buscaram uma resposta imediata. Dois não tiveram contato, a não ser por filmes.

²⁰ SANTOS, Luciana Oliveira dos. Psicologia: ciência e profissão. **O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões**. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200008&lng=es&nrm=is> Acesso em: 31 jan 2009.

Protestantes	Nunca tiveram contato.
Espírita	Não

Fonte: Roteiro de entrevistas, anexo I

Nas entrevistas construídas com a comunidade escolar, pode-se perceber o desenvolvimento de uma visão negativa quanto às manifestações afro-brasileiras e ao mesmo tempo o medo crescente desses não-praticantes frente a essas manifestações. O medo, ele não só se manifesta como reação a certo episódio presenciado, mais também a várias formas de aprendizagens transmitidas durante o percurso de sua existência, daí percebemos o quanto o colonialismo deu seu toque de contribuição.

E no contexto escolar terminamos por reconstruir nossos medos, o que por vezes nos impede de romper barreiras e assim ao invés de uma educação libertadora oprimimos cada vez mais parcelas da população, aqui representada pela comunidade escolar, negando-lhes a liberdade de expressão do que se refere aos cultos afro-brasileiros. E com isto, nos acomodamos num “senso-comum” preconceituoso, deixando-nos levar por interpretações errôneas destas manifestações religiosas.

Medo... Não, nunca participei, nem presenciei. Talvez... receio por não conhecer, ou porque os outros falam... quem fala mal é claro. (E.3.h)

Tenho medo, receio. A crença por Cristo é pouco e faz a gente viver estes fenômenos que estão acontecendo (esse calor, essas violências, a guerra) sem olhar o próximo. E isso acontece professora para as pessoas saberem que papai-do-céu existe, que não é de carne e osso, mais espírito. (E.4.h)

Não me sinto bem. Aí deve sair alguma coisa de violência, alguma coisa do mal. Relacionando a documentários, alguém que fala e a gente vê e percebe que não é coisa boa. (E.5.g)

Acho na associação a magia e a morte de animais, sem contar pelo boca a boca (do povo que fala) e os ensinamentos que recebeu dos pais para filhos. (E.6.i)

Então, mais que uma emoção biológica o medo é construído por crenças e costumes. Não é o puro irracional agindo sobre o corpo, mas é também racional ao se formar numa teia sócio-histórica de valores, teia imaginária de símbolos e signos culturais utilizado inclusive pelo Estado como forma de manutenção de seu poder. O medo longe de ser um simples reflexo, como o grito frente à dor, é

reinterpretação, construção e desconstrução sociologicamente interagindo nas estruturas da sociedade ao ponto de diferenciarem-se em indivíduos, grupos e comunidades culturais distintas.

Considerações Finais

As manifestações religiosas afro-descendentes constroem teias que interligam dimensões sagradas e profanas, inserida na dinâmica do processo histórico e da capacidade de reinterpretação da memória social do grupo, de sua herança atualizada com o presente vivido.

O trabalho de pesquisa desenvolvido nos oportunizou a refletir sobre aspectos antes não trabalhados na Rede Municipal do Recife. Nosso primeiro pensamento foi o de pesquisar junto às crianças da comunidade escolar, porém, um aspecto de ordem legal fez-nos recuar dessa investigação por hora, para a obtenção das informações precisaríamos da autorização formal do responsável de cada criança. As entrevistas com os agentes educacionais da escola, o acompanhamento das ações do GETERE e as trocas de informações com professores em capacitações já nos davam material de análise suficiente para a proposta de trabalho do mestrado, permitindo investigar a formação do professor, sua abertura para trabalhar o assunto em sala e as ações da Secretaria de Educação.

Desse modo, o esforço de análise contido nesta dissertação refere-se à tentativa de evidenciar o medo existente frente às manifestações religiosas afro-descendentes inclusive em ambiente escolar, elegendo como um estudo de caso a Escola Municipal Escolinha do Dom, que termina por exemplificar o funcionamento de uma circularidade do medo ao modo como GINZBURG (2006) falaria de circularidade cultural, nas releituras, estratégias de significação, que diferentes grupos se apropriam de um discurso, aqui envolvendo praticantes e não praticantes do Candomblé e da Umbanda.

Os debates em torno da imagem das Religiões afro-brasileiras nas escolas precisa ser conhecida e esclarecida, o que se ensina sobre o Candomblé e a Umbanda em sua maioria está ligado a preconceitos e incorreções, reforçando assim ainda mais a discriminação na parcela da sociedade contrária a estas religiões. Recebemos muito dos ritos afro-brasileiros e essa variedade que deriva destas ligações de origem, nos aproxima, a diáspora negra nos trouxe riquezas religiosas de diferentes tradições que aqui se combinaram promovendo abertura para outros influxos, em especial no século passado (em sua segunda metade). A

aceleração desses contatos com a retração das distâncias propiciou e aprofundou mais a comunicação entre vários cultos, produzindo reinvenções gerando novos desenvolvimentos. Estas “reinvenções” merecem destaque na expressão da Umbanda, onde teve sua penetração em áreas onde o Candomblé era hegemônico. O Candomblé avançou no espaço da Umbanda também, foi um contato prolongado e pacífico, sobretudo nas grandes metrópoles do País. A seguir foi agitado por um movimento que os atingiu em muitas direções em violentos discursos acusatórios, movendo uma guerra sem quartel, à aparição das novas igrejas de tipo neopentecostais de missão. O primeiro a sofrer o ataque foi a Umbanda.

A retórica evangélica apoiada na alegação Bíblica, como objeto sacro, fonte de Slogans e base de autoridade e linguagem corporal dinâmica e entusiástica, demonstrações públicas, espetáculos em massa como estrutura de verdadeiros shows, a fé dramatizada com oferendas em dinheiro e promessas de taumaturgia, envolvendo como propaganda a diabolização de outros cultos. Tal procedimento alimenta ainda mais a intolerância religiosa cultivada no Brasil, porém de um novo modo. A princípio a Umbanda reagiu timidamente no Rio de Janeiro, hoje os neopentecostais avançam na Bahia, no velho nicho do Candomblé, o alvo central de sua campanha de diabolização dos cultos afro-descendentes.

Encaramos aqui o medo como um sentimento que mistura a realidade fundi-se aos acontecimentos ao qual estamos envolvidos. Porta-se, portanto, como uma defesa para a nossa existência, pois no mundo atual é tão provável estarmos sujeitos a estes medos, não raras vezes o transferimos para o nosso cotidiano. E nesta tumultuada vigilância de defesa que nos separa do real ao imaginário, nos trancafiamos a míseras atitudes de comportamento. Comportamentos estes que interpelam e interferem no nosso relacionamento com os outros e com a sociedade, construindo “medos” a tudo que nos cercam, sejam de violência, etnia ou religião, e daí vão se tornando idéias preconcebidas de situações e de fatos que nos criam empecilhos para compreender o outro.

O medo nos acomete às vezes sem mesmo nos dar tempo a um raciocínio lógico. Por exemplo, quando vamos à rua nos interpela uma pessoa desconhecida ou uma ação contrária a nossa perceptividade, a intenção do momento é precedida por situação de descontrole e desconforto emocional, levando-nos a atitudes condicionadas de reação.

Vale aqui ressaltar em nível de escolaridade ao qual evidenciamos, a educação infantil na rede Municipal do Recife, que o enfrentamento deste medo não acontece de uma hora para outra, exige compreensão e vontade de mudar, é gradativo, formulado, vivenciado e na maioria das vezes até experienciado no seu cotidiano, sim porque alguns desses alunos são ingressos nessa iniciação logo cedo.

Fala-se muito de inclusão na Rede Municipal de Ensino, mais poucos se deixam envolver por ela, a exemplo, vemos nossas escolas dando continuidade a educação européia, não oportunizando nossas crianças expressarem suas crenças e rituais religiosos em nossa comunidade escolar, prevalecendo a religião oficial que é o catolicismo. Às vezes nem nos damos conta da parcela de contribuição que constantemente refazemos a cada realização de atividade que não lance mão de uma socialização vinculada ao que se pede no currículo escolar e achamos por bem construir nosso próprio currículo, fazendo com que as crianças seja apenas receptores dos nossos saberes, inibindo às vezes sua participação na socialização escolar e comunitária.

Acreditamos que com o desenvolvimento deste trabalho, estamos contribuindo para mais um passo no direcionamento à auto-estima do respeito ao outro na sua concepção religiosa contemplando dessa forma sua história, cultura e experiências através da mediação consciente e reflexiva do professor junto aos seus alunos. Cabe a cada um se envolver nesta tarefa de mudança, onde as evidências de seus benefícios alcançam a todos, em uma luta pela democracia social. Sabemos que o “medo” do novo, do desconhecido, pode até nos tornar imóveis às ações, preferindo na maioria das vezes o silêncio, nos tornando insensível ao que possa acontecer.

Porém, não podemos fazer história ficando parados, é necessário à ação para que a história aconteça, é um processo de reconstrução e preservação com efeitos positivos na sua aprendizagem. Preservação no sentido de identidade, comprometimento com pesquisas, estudos, relatos realizados para um maior entendimento e compreensão da cultura Afro-brasileira que atualmente vem desenvolvendo um empenho articulado com diversas ONGS e entidades locais no intuito de fazer conhecer suas manifestações culturais e religiosas.

Esperamos que o leitor construa em sua visão parâmetros de acolhimento a esta cultura que em sua persistência durante longos anos de luta e resistência, construindo pontes de entendimento em forte alicerces de amadurecimento quanto à valorização para o reconhecimento de sua tradição e religiosidade.

Referências Bibliográficas

ANDRE, Christophe. **Psicologia do medo**: como lidar com os temores, fobias, angústias e pânicos. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2007.

ANJOS, M. (Org). **Teologia em mosaico**. Aparecida: Santuário, 1999.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1971.

BASTIDES, Roger. **As Religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. (Vol I e II). São Paulo: Pioneira, 1971.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan. 2003.

BAUMAN. Zygmunt. **O Medo líquido**. São Paulo: Zahar, 2006.

BECKER, Howrd. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás - Um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BOTAS, Paulo César Loureiro. **Carne do sagrado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Editora 70, 1979, [1938].

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O combate ao Catimbó**: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Recife: CFCH/UFPE, 2001.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1850. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1998.

CASTELL, R. **De l'integration sociale à l'éclatement du social**: l'émergence, l'apogée et le départ à la retraite du contrôle social. *Revue Internationale d'Action Communautaire*, v.20, n.60, p.67-78, automne 1988.

CINTRA, Raimundo. **Candomblé e umbanda, o desafio brasileiro**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1987. Originalmente apresentado como tese de doutorado à PUC/SP, 1973.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300 – 1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceitos. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

FLORENTINO, Manolo e GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**: famílias

escravas e tráfico Atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FONSECA, Maria. **Brasil afro-brasileiro**. Belo-Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 12ª edição, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Relações de forças: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Os queijos e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GUIBSON, José Dantas. **Neopentecostais e as mediações culturais**. Editora Livro Rápido – Elógica, 2007.

LODY, Raul. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

LUZ, Marco Aurélio e LAPASSADE, George. **O segredo da macumba**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

_____. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. RJ: Zahar Editores, 1977.

MAGNIN, Thierry. **Quel dieu pour un monde scientifique?** Nouvelle Cité, Paris, 1993 – Racines 10. Edição Préface du Pr. Louis Leprince – Ringuet.

MAIO, Marcos, SANTOS, Ricardo (org). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro:

Fiocruz/CCBB,1996.

MEDEIROS, Aluizio. **Nas Redes da Memória: dos álbuns de família aos flogs virtuais.** Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

MEGENNEY, William W. **A Bahian Heritage, an Ethnolinguistic Study of African Influences on Bahian Portuguese.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1978.

MENEZES, Rafaela. **A Umbanda esotérica num bairro de Natal – RN: um estudo de caso.** Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC SECAD). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico – Raciais.** SECAD, 2006. Brasília – Distrito Federal.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (MJ). **Relatório do Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata.** Ministério da Justiça. Brasília: MJ/SEDH, 2001.

MORUS, Thomas. **Utopia.** São Paulo: L&PM, 1997.

MOURA, Carlos (org). **Meu sinal está no seu corpo.** São Paulo: Edicon/Edusp.1989.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional x identidade negra.** Belo Horizonte: Editora Autêntica,2004.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé de diálogos fraternos contra a intolerância religiosa.** Rio de Janeiro: Ed. Koinonia, 2003.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé**: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. Revista de Estudos da Religião, 2004.

REINHARDT, Bruno M.N. **Espelho ante espelho**: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. São Paulo: Attar, 2007.

RIBEIRO, Riné. **Cultos Afro-Brasileiros do Recife**: um estudo de ajustamento social. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, 1978.

RIOS, L. F. . **Performando a tradicionalidade**: geração, gênero erotismo no Candomblé do Rio de Janeiro. In: Anna Paula Uziel; Luís Felipe Rios; Richard Guy Parker. (Org.). Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas/IMS/ABIA, 2004.

SAIDENBERG, Thereza. **Como surgiu a Umbanda em nosso país**: 70º aniversário de uma religião brasileira. Revista Planeta, São Paulo, nº 75, dez 1978.

SANFORD, John A. **Mal**: o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulus ed., 1988.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro, FGV, 2002.

SERRA, Ordep. **“O candomblé e a intolerância religiosa”**. In Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa. (OLIVEIRA, R. (org.)). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Marcos Rodrigues da. **O negro no Brasil**: história e desafios. São Paulo, FTD, 1987.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: editora vozes, 1999.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

Webgrafia

Candomblé: o mundo dos Orixás. O ritual de iniciação no Candomblé. Disponível em: <<http://ocandomble.wordpress.com/2008/04/29/o-ritual-de-iniciacao-no-candomble/>> Acesso em 01 set 2008.

GULLAR, Ferreira. Ar do tempo. **Máscara-2**. Disponível em <<http://ardotempo.blogs.sapo.pt/114437.html>> Acesso em 06 set 2008.

Pontos de Umbanda em MP3. Disponível em: <<http://redeparede.com.br/santos/comunidade/ao-ar-livre/posts/pontos-de-umbanda-em-mp3---61065>> Acesso em: 01 março 2008.

Portal Orixás Afrodescendete. A palavra axé (asé). Disponível em: <http://orixas.com.br/portal3/index.php?option=com_content&task=view&id=25&Itemid=47> Acesso em 02 de fevereiro de 2009.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. Psicologia: ciência e profissão. **O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões**. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200008&lng=es&nrm=is> Acesso em: 31 jan 2009.

Anexo 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data:

Horário:

Local:

Número de Participantes:

Participantes

Identificação:

Idade:

Nível Acadêmico:

Profissão:

- a. Qual sua formação Religiosa, e de que maneira você interage com ela?**
- b. Qual sua visão sobre a inclusão da cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino obrigatória?**
- c. O que diferencia hoje, os ensinamentos transmitidos por nossos antepassados na História do Brasil?**
- d. Já teve contato com alguma manifestação religiosa de origem africana?**
- e. Você acredita que exista preconceito com relação às religiões afro-brasileiras?**
- f. Como se sente quando se fala em Candomblé, Xangô, Macumba, umbanda, etc.**
- g. Enquanto expectador, como se sente, nas apresentações sobre as manifestações religiosas afro-brasileira?**
- h. Você tem medo das manifestações afro-brasileiras?**
- i. Cite alguns exemplos deste medo.**
- j. Como você percebe o crescimento das religiões afro-brasileiras?**

Anexo 2 – Síntese das Entrevistas

E.1.a

“Fui criada no catolicismo, mas tenho formação no evangelho desde minha adolescência, hoje não frequento nenhuma igreja, mas creio no evangelho de Jesus Cristo.”

E.1.b

“Acho as manifestações legais, pois é uma busca do melhor, uma luta de longos e longos tempos, que não pode parar até ser alcançado os objetivos. Cultura africana todos conhecem e convive com ela, acho que até respeitar. Agora participar, aceitar o que não satisfaz, acho que é faltar com respeito com você mesmo. É possível porque nossa cultura sofre com várias crenças, amenizar só com respeito a cada opinião religiosa.”

E.1.c

“Adoração, cultuar outros deuses; manifestação de espíritos mortos, falar com mortos.”

E.1.d

“Eu por exemplo, tenho muitas informações sobre o candomblé, pois já participei inúmeras vezes, hoje temo muito porque não faz parte de minha cultura religiosa, temo a Deus e só confio nele, pois só Deus salva e liberta.”

E.1.e

“As pessoas tem livre arbítrio e o preconceito creio que não existe, apenas as pessoas confiam no Deus que quer e tem de ser feliz com o que escolher.”

E.1.f

“Estamos no auge da tecnologia, as pessoas são bem informadas, acredita no que acha certo e cada vez mais busca informações, antigamente falava-se mais raramente se informavam.”

E.1.g

“Acho bonito sinceramente a fé, a dedicação o entusiasmo que eles transmitem.”

E.1.h

“No momento que li a Bíblia. Diria que só adoro a Deus e não vejo outro além dele.”

E.1.i

“Nascemos e convivemos com pessoas cheia de preconceitos, e são passados para nós seus medos e angústia e convivemos com isso sempre. No apocalipse.

E.1.j

“Com certeza nos seguidores, que através de tudo isso vão tirando conclusões e vão criando seus medos, que conseqüentemente causarão as intolerâncias.”

E.2.a

“Cristã... evangélica. Todo dia.”

E.2.b

“É porque pelo menos sabe o que eles fazem, só a da gente não dá.”

E.2.c

“Mudou acho que o jeito, né professora? O sistema de falar, de dizer.”

E.2.d

“Não. Não fui convidada... e sabe, saber os babados fortes lá dentro.”

E.2.e

“Existe, porque é preto, ...é professora?”

E.2.f

“Não, nunca ouvi falar!”

E.2.g

“Não sinto, porque não conheço.”

E.2.h

“Não. Nunca participei.”

E.2.i**E.2.j**

“Não houve crescimento né professora? Tem mais evangélico. Antigamente... a gente ouvia falar mais desses movimentos, hoje não, são mais os evangélicos né professora?”

E.3.a

“Católica Apostólica Romana. Só indo a missa e fazendo minhas orações em casa.”

E.3.b

“Eu acho que é de fundamental importância, na verdade nossa descendência é de origem africana. Quanto a obrigatoriedade acredito que haverá resistência por parte de algumas pessoas.”

E.3.c

“Tudo muda. O tempo é a mola do mundo. Acesso ao conhecimento do saber sistematizado faz com que as atitudes mudem.”

E.3.d

“Não.”

E.3.e

“Com certeza. Por que a gente sabe que a religião católica... como se diz... era e ainda é dominante. Por conta disso.”

E.3.f

“Não sinto nada. Acho que é cultura e religião cada um segue a sua, não é necessariamente participar, mas... deve haver o respeito.”

E.3.g

“Não olho. Não me interessa e nem tenho curiosidade. Sei lá... já vi várias, em filmes, documentários, ao vivo... não. Só um estudioso da religião assim como você é que é obrigatório ter o saber. Pois minha filosofia de vida é outra, não tenho porque saber.”

E.3.h

“Medo... não, nunca participei, nem presenciei. Talvez... receio por não conhecer ou porque os outros falam... quem fala mal é claro...”

E.3.i

“Porque o Candomblé está relacionado ao culto do diabo geralmente o Candomblé coloca o mal nas cabeças das pessoas como o culto ao diabo.”

E.3.j

“Não vejo muito o crescimento por causa do preconceito, o grupo maior dão os que não seguem essa religião.”

E.4.a

“Católica. Olha, eu participo com ela indo as vezes a igreja no mês, participo do terço dos homens na terça-feira e faço minhas orações nos momentos que não vou a igreja. Agora mesmo antes de almoçar, eu estava fazendo minhas orações antes de vir para a entrevista.”

E.4.b

“É muito importante, porque ensina as pessoas a amar mais a Deus, ao próximo, é importante e fundamental.”

E.4.c

“Olha, existe diferença. Antigamente havia aulas mais detalhadas da História do Brasil e hoje não existe essa preocupação desse conhecimento, nem vontade.”

E.4.d

“Eu já ouvi falar dessas manifestações desse tipo. Quando um pastor chutou, deu um pontapé numa santa, e o meu conhecimento foi sobre esta repercussão.”

E.4.e

“Existe e como existe. Principalmente por parte dos evangélicos ao dizer que o Deus deles é diferente e melhor do que o nosso (católico).”

E.4.f

“Eu não me sinto bem. Porque não acredito nestas coisas, mais tenho receio porque estas coisas existe. Acho que o maior catimbó é o olho grande. Você não acredita professora?”

E.4.g

“Já presenciei, mais ignoro, acho que não podemos dividir as coisas. Quando não quer servir a Deus, pense duas vezes em agir, tome cuidado, tome posição ao que você quer seguir.”

E.4.h

“Tenho medo, receio. A crença por Cristo é pouco e faz a gente viver estes fenômenos que estão acontecendo (esse calor, essas violências, a guerra) sem olhar o próximo. E isso acontece professora para as pessoas saberem que papai-do-céu existe, que não é de carne e osso, mais espírito. Né mesmo professora?”

E.4.i

“Atos de vandalismo, quebra-quebra, atos de satanás, bala perdida. Eu mesmo jamais iria a esse meio, procurava distancia... né mesmo professora?”

E.4.j

“Ela cresceu bastante pelo motivo de hoje em dia você vê muito tipo de igreja, a gente sente até uma maneira de arrecadar dinheiro. Do nada se constrói uma igreja. É o comércio professora. Eu mesmo tenho um exemplo pra dar de um colega meu que adquiriu muitos bens, se tornou pastor, tinha vícios e quando se tornou pastor, mudou.”

E.5.a

“Primeiro, é da assembléia de Deus. Eu faço parte da comissão de organização. Terças-feiras ensaio de 14h00 às 16h00, nas sextas-feiras é de 14h00 às 16h00 culto de louvor e pregação, na segunda-feira tem culto de oração, de 19h00 às 21h00, nas quartas-feiras culto de doutrina e pertença ao Novo Coral da igreja.”

E.5.b

“Não é porque eu não sei explicar não. Não sou contra religião nenhuma, mais no mundo tudo tem. Isso aí... tipo de religião, deve ser respeitada, acho que cada um segue o que gosta. Se é necessário de ser um trabalho, concordo, porque é o pão de cada dia dele e todo mundo tem sua profissão.”

E.5.c

“Foi tudo certo, muito bonito, só que os ensinamentos de hoje em dia tá tudo moderno. O que eu aprendi gostaria de passar para meus netos mais tá difícil, quando tento falar em casa dizem (os filhos) que estou no tempo antigo, está difícil viver num mundo moderno hoje.”

E.5.d

“Não. Sempre fui evangélica, mais me afastei por um período. Mais nunca mas me envolvi com estas coisas, sempre fiquei na minha posição de seguir os mandamentos como estou agora. Causa do afastamento vou logo dizendo, tive decepção muito grande com meu esposo e misturei com desgosto, angústia e fiz várias amizades com pessoas em vez de me empenhar no Senhor e dá ouvido, dei ouvidos as amizades, em vez de me ajudar, me atrapalhou o motivo de me afastar da religião foi este. Mais depois de 10 anos com a convivência foi que eu vi e enxerguei a verdade. Aí voltei para minha religião e voltei com toda sinceridade e

disposta recuperar o tempo perdido. Estou muito feliz de ter voltado pela minha salvação. Minha história é muito comprida, daria um jornal.

E.5.e

“Ah! Existe. Tem várias pessoas que é contra e não aceita. É porque com essa religião fazem o mal, aí prejudica. Eu vejo as pessoas falar que tem umas partes do bem, outras do mal.”

E.5.f

“Não... É assim, quase ninguém fala este assunto com o evangélico, mais se falar sobre este assunto eu só tenho a te dizer que não sou nada contra viu! Eu respondo para a pessoa, porque cada pessoa segue o caminho que quer e gosta. Quem sou eu? Para julgar o próximo?”

E.5.g

“Não me sinto bem. Aí deve sair alguma coisa de violência, alguma coisa do mal. Relacionando a documentários, alguém que fala e a gente vê e percebe que não é coisa boa.”

E.5.h

“Tenho sim. Um medo tremendo do que vai acontecer. Sei lá... porque assusta, dá um nervosismo, agente acha que vai acontecer. Agente é falho e quem ta na terra está submissa e sujeita a tudo e não quer ver, não quer ouvir, mais é necessário, porque agente tem que se sujeitar a tudo. Eu não tenho leitura não mais na igreja, tem o pastor que explica tudo como é a vida direitinho e tudo o que está escrito na palavra que o pastor fala se cumpre na Bíblia, não fica pra trás a gente sabe que tudo aquilo vai acontecer, porque é a confirmação.”

E.5.i

“Da violência que vem pela frente, a gente não sabe o tipo da violência, mais sabe que vem e a potência vai piorar mais.”

E.5.j

“Ela está crescendo mais. Porque cada dia que passa o que sai no repórter, as notícias é que não são nada boa. É por isso que eu digo que cada dia mais me assusto com essas coisas. Porque não pode ser do jeito que a gente quer. Aí você pergunta: Como é que você quer? E eu respondo: que não fosse assim, mais não pode consertar o mundo, porque quem tem solução pra essas coisas é Deus, ele é quem tem solução, ele é quem resolve tudo na terra, não nós. Porque quem somos nós para passar na frente de Deus. A gente não pode e nem feve ter esse direito.”

E.6.a

“Católica. Não sou praticante, vou a missa de vez em quando.”

E.6.b

“Tem-se a crença que as religiões Afro-brasileiras trabalha com Magia né? Acho válido porque remete as nossas origens.”

E.6.c

“Eu acho que teve avanço de driblar o preconceito na visão do europeu, que vê diferente.”

E.6.d

“Eu já assisti um filme. Eu também tenho um pouquinho de preconceito (rindo) pelo meu aprendizado.”

E.6.e

“Se constrói por essa crença que trabalha com Magia, essa crença que mexe com o mal. Também existe preconceito com os meios de comunicação, a televisão por exemplo, mostra de uma forma estigmatizada, como vemos na novela “duas caras”, o terreiro, a igreja evangélica e a igreja católica atuando no mesmo ambiente.”

E.6.f

“Umás vertentes ou facções que mexem com magia e não sei ainda lidar com elas.”

E.6.g

“Não me sinto bem.”

E.6.h

“Claro que sim, (rindo) tudo é mistério!”

E.6.i

“Acho na associação a magia e a morte de animais, sem contar pelo boca a boca (do povo que fala) e os ensinamentos que recebeu dos pais para filhos.”

E.6.j

“Veio com a escravidão. Implantaram na nossa cultura e a gente aprendeu. Saiu da África e se construiu.”

E.7.a

“Evangélica. Eu interajo desde o dia que eu nasci, até o dia que ele (o Senhor) virá. Lendo a Bíblia para “rebatá-lo pelo meu pai”, isto está lá em Gênesis e Apocalipse.”

E.7.b

“É... vamos ver.... são duas ressalvas, você quer saber de Religião ou Cultura? A Cultura, nós temos muitas coisas da cultura dos índios, e dos negros, o sangue, a nossa nacionalidade e hereditariedade nós herdamos. Com relação a religião, não era religião, eles adoravam aos deuses, a lua, as estrelas, o sol, o que eles tinham era seitas. (perguntei: Por que você fala seitas?) Religião, é tudo aquilo que você professa sem mudanças, não é ela que salva você, você tem por convicção, está convicta daquilo que professa, quer (aponta para si). O catolicismo é uma religião, porque é regida pelo dogma, mais não é certo, porque é regido pelo um homem, que é o Papa, tem raiva como eu, cérebro como eu e nós evangélicos não. Somos regidos pelas palavras de Deus. Os espíritas, não sei por quem são regidos, são regidos por outra coisa, os espíritos. Os espíritas não sei por quem são regidos nunca entrei nesse mérito.”

E.7.c

“Como uma pessoa que tem 67 anos, eu vejo na educação falta de respeito aos mais velhos, tenho saudades do tempo que se chamavam de didinha os avós. Antigamente o ensino era levado mais a sério, não precisava muita burocracia, não havia liberdade, libertinagem. Quando mexe demais, pronto... acaba. O tempo foi modificando e a televisão ajudou e os políticos contribuiu muito. (perguntei: de que forma foi essa contribuição?) para o mal. Tudo é só utopia, quem manda é as crianças. A psicologia táí, a psicologia é quem manda, com exceção. Lá em Eclesiástico, a Bíblia manda ensinar a criança a obedecer, ela pode até a vir a ser um marginal, bandido, mais a palavra não volta vazia. E os filhos estão sendo muito rebeldes.”

E.7.d

“Graças a Deus não. Nem tenho temor, nem respeito. (Perguntei: por que você fala que não tem respeito?) Porque tenho um Deus que me criou, sou filha do rei, sou rainha e ele me fez, e é tudo para mim. Não tenho medo de inveja, de nada, porque as vezes a gente tá ali no trabalho mais tá pensando no nosso íntimo “se eu pudesse faria um mal a tal pessoa”. E quando falo de não ter respeito é no sentido de me dobrar, de me ajoelhar, não posso assumir esse respeito, ai, ai, não. Adiante, atrás, do meu lado eu tenho um Deus ao meu lado.”

E.7.e

“Tem havido porque o povo está rebelde e não está percebendo em vê o outro, não vê terremoto, guerra, fome, e o povo tá procurando o Candomblé, através de búzios, cartas, pessoas que Deus não deu revelação nenhuma, nenhuma e Deus não deu autoridade para isso. E Deus está sendo passado para trás. (perguntei por que você fala que Deus está sendo passado para trás?) Porque lá em Mateus, Deus fala: Não adorarás, não terás outro Deus, não te curvarás, não farás culto. Não é o homem que tem esse poder. A igreja católica quem manda é o Papa, um homem comum, como eu (repete o que falou na segunda questão) tem raiva, tem cérebro. Você peca por pensamentos, palavras e obras. Nada é comprado, quem pode dar boas obras faça. Não há vela, não há missa, só a palavra de Deus, eu creio em sua palavra, não na do homem. Por isso que o homem faz teologia, para ter o entendimento, a compreensão na mensagem que o pastor vai dizer, não confio nas palavras do pastor, mais na mensagem das palavras da Bíblia.”

E.7.f

“Nada do Candomblé eu tenho medo, eu não me sinto bem. Os sodomitas que são os homossexuais e as cartomantes, os búzios são coisas do mundo e eu abomino e Deus também.”

E.7.g

“Eu sinto como um insulto ao criador, a Deus, bruxaria, feitiçaria, além do mais, é um mal que eles pensam que estão fazendo o bem e não estão. Nenhum me atingirá.”

E.7.h

“Nenhum, nenhum mesmo, porque sei que nada me afligirá, mil cairão a meus pés, ele é meu guarda de Israel, não temo.”

E.7.i

“Medo da morte, de entrar em cemitério, de alma, que a pessoa pensa que vai pegar, medo de vestir um morto. Agora mesmo em Abril tive de vestir minha co-cunhada, que ninguém queria vestir, eu vesti, ela ali coitada, como se fosse uma pedra.”

E.7.j

“Tem havido crescimento porque o povo está rebelde e procurando coisas de mal, como Candomble, búzios, cartomantes.”

E.8.a

“Bom, minha formação religiosa? Eu sou simplesmente espírita, porque entrei na religião por doença e por doença permaneci e não saí mais. Sempre freqüente quando há condição e quando não há eu falto.”

E.8.b

“É muito importante, porque é uma religião que todos nós sabemos que existe né? Isso ninguém pode negar. Então, de tudo a gente tem que ter um pouquinho de informação para as aulas de Cultura brasileira para os alunos.”

E.8.c

“Ah! Muitas coisas, muitas coisas mesmo. A gente tinha apesar de ser pobre, tinha outra educação, a gente respeitava. Hoje em dia não, as pessoas mais velhas não se respeita mais, não sei se hoje o mundo está desmantelado ou é assim mesmo.”

E.8.d

“Não.”

E.8.e

“Existe. Olha, tem pessoas que gostam, tem pessoas que não gostam e não aceitam e nem concordam. E aí existe o preconceito.”

E.8.f

“Eu me sinto assim: eu acho que cada um deve usar e viver aquilo que acha que é útil certo? Então tem feitiçaria, fanatismo, de tudo tem um pouco. Só acredito no que vejo (sorri), é triste mais é verdade, se eu não vê não acredito (sorri).”

E.8.g

“Eu já assisti, não me sinto menor que ninguém não. Me sinto igual a todo mundo, eu gosto, eu acho bonito entendeu. Existe muitas coisas que eu não concordo, mais nem Deus não agradou a todo mundo né? Eu acho ótimo e acho linda minha religião.”

E.8.h

“Tem pessoas que tem medo, acha que vai morrer se defrontar com aquilo. O povo tem medo de vê o fantasma das pessoas, assim diz que é coisas do outro mundo, tem medo de quando começa as incorporação e as pessoas fica assustada e começa a incorporar até a identidade incorporar na pessoa e ir embora, até a identidade concluir as pessoas ficam loucas.”

E.8.i

“Ah! São muitos, fantasmas, morte, identidade, incorporação, uma infinidades.”

E.8.j

“Muito grande, muito grande, um crescimento enorme, como em outras religiões também.”

E.9.a

“Eu sou católica, participo dos grupos de estudo de casais, encontro aos sábados, vou a missa.”

E.9.b

“Eu acho importante pela valorização da cultura devido a origem da formação do povo brasileiro, que é de origem africana. As pessoas têm que valorizar e respeitar essa cultura.”

E.9.c

“Olhe, antigamente a coisa era repassada com relação a história do Brasil, era mecânica. Hoje há honestidade de transmissão dos fatos, mais clareza nos conhecimentos, nas fontes de entender como se construiu no passado. E hoje a gente entende mais.”

E.9.d

“Já, já tive, foi na época que eu era criança... deixa eu me lembrar... não me lembro. Ah! Lembrei, deixa eu detalhar o que eu via: minha mãe gostava de ir e me levava junto. Eu via fazendo cura, brincando (os Orixás), dançando, se manifestando era... era... o Candomblé, agora lembrei. Virgem Maria! (Exclama sorrindo).”

E.9.e

“Existe, pela falta de respeito em pessoa não acreditar na minha religião, mais eu tenho que respeitar a do outro com mais respeito.”

E.9.f

“Eu me sinto curiosa, que eu gosto de saber, entender as leis dos africanos. A fé que eles acreditam, nos deuses, na cura, existe a fé neles.”

E.9.g

“Eu me sinto assim: curiosa por participar de uma coisa que não é minha, que não é da minha vivência, procurando fazer uma ponte da religião. Será que é certo?”

E.9.h

“Não. Nunca tive medo, até porque não acredito. Acho que é manipulação de energia e acho que o morto não vai me fazer mal, até porque eu não faço mal a eles, não critico. Não acredito que quem morre tem poder de fazer o mal.”

E.9.i

“Esse medo, é como se ele fosse se materializar e fazer mal a gente. Já conheci pessoas que tem medo, é como se eles tivessem poder de fazer mal a gente.”

E.9.j

“Muitas pessoas não consegue as coisas na religião delas por exemplo: busca de saúde, emprego e coisas na sua vida e procura alternativas, encontra ponto de equilíbrio e fica.”

E.10.a

“Eu sei lá o que é isso! Não tenho uma religião definida. Respeito todas religiões, sem condenar nenhuma.”

E.10.b

“Concordo plenamente, só assim desmistifica o preconceito e a discriminação que as pessoas cultivam dentro da sociedade.”

E.10.c

“Antes a Cultura Afro-brasileira era tratada como anormal, já hoje, os historiadores procuram mostrar de maneira mais voltada para o conhecimento e cultura trazida por nosso povo.”

E.10.d

“Não.”

E.10.e

“Acredito.”

E.10.f

“Tenho vontade em conhecer mais fundo as expressões do povo diante dessas práticas religiosas. Confesso que quando escuto falar que tal criatura fez macumba para alguém fico pensando como as pessoas podem usar tais coisas para causar o mal das outras.”

E.10.g

“Adoro participar de espetáculos que enfoquem a Cultura Afro.”

E.10.h

“Só um pouco.”

E.10.i

“Macumba”

E.10.j

“Grande, pois as pessoas estão procurando formas de expressar mais livremente suas culturas e no que acreditam.”